



UFOP

Universidade Federal
de Ouro Preto

Universidade Federal de Ouro Preto
Instituto de Ciências Humanas e Sociais – ICHS

LUAN GUTIERREZ DOS REIS MICHETTI

**TO CALL A SPOON A SPADE: ITENS LEXICAIS DE AVALIATIVIDADE
NA DESCRIÇÃO DO ESTILO DE VIDA DO GAY E MICHÊ NEGRO EM
UM CORPUS PARALELO INGLÊS-PORTUGUÊS DOS ANOS 1960
NOS EUA E 1990 NO BRASIL.**

MARIANA - MG

2022

Luan Gutierrez dos Reis Michetti

**TO CALL A SPOON A SPADE: ITENS LEXICAIS DE AVALIATIVIDADE NA
DESCRIÇÃO DO ESTILO DE VIDA DO GAY E MICHÊ NEGRO EM UM CORPUS
PARALELO INGLÊS-PORTUGUÊS DOS ANOS 1960 NOS EUA E 1990 NO BRASIL**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Humanas da
Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial à
graduação em Bacharelado em Tradução.

Orientador: Adail Sebastião Rodrigues-Júnior

MARIANA - MG

2022



FOLHA DE APROVAÇÃO

Luan Gutierrez dos Reis Michetti

To Call a Spoon a Spade: itens lexicais de avaliatividade na descrição do estilo de vida do gay e michê negro em um corpus paralelo de inglês-português dos anos 1960 nos EUA e 1990 no Brasil

Monografia apresentada ao Curso de Letras Tradução da Universidade Federal de Ouro Preto como requisito parcial para obtenção do título de Bacharel em Tradução

Aprovada em 31 de maio de 2022

Membros da banca

Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues Júnior- Orientador (UFOP)
Prof. Dr. José Luiz Vila Real Gonçalves (UFOP)
Prof. Dr. Giacomo Patrocínio Figueredo (UFOP)

Prof. Dr. Adail Sebastião Rodrigues Júnior, orientador do trabalho, aprovou a versão final e autorizou seu depósito na Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso da UFOP em 09/06/2022



Documento assinado eletronicamente por **Adail Sebastiao Rodrigues Junior, PROFESSOR DE MAGISTERIO SUPERIOR**, em 14/06/2022, às 14:06, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site http://sei.ufop.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador **0345185** e o código CRC **FCFF33D1**.

A Èşù.

Agradeço à minha mãe por dividir comigo o caminho que tomamos até aqui.
À galera da República Aroeiras pelos gòlos e guerras.
Às mãos, como as minhas, que construíram o ICHS.

*“Os nossos sentimentos nunca são lógicos,
por isso mesmo não são simples.”*

(Lima Barreto - Cemitério dos Vivos, capítulo II)

1. RESUMO

Esta monografia investiga a representação do personagem Ace Hardesty nos dois capítulos da coletânea de contos eróticos Stud (1968), de Phil Andros, paralelamente aos capítulos correspondentes a eles no português brasileiro, de nome Aventuras de Um Garoto de Programa (1998), traduzido por Dinah Klebe. Para tal, tem como base o modelo de Avaliatividade desenvolvido por MARTIN e WHITE (2005) a partir do arcabouço teórico da Linguística Sistêmico Funcional de Halliday. É analisado o léxico-atitudinal empregado nas instâncias em que o narrador Phil Andros descreve física-e-psicologicamente o personagem, tendo em vista a posição interseccional de Ace enquanto gay, negro e michê. Como metodologia, os dados foram tipificados e dispostos para análise interdisciplinar investigando os textos em contato com seus respectivos contextos tangenciando racialidade e sexualidade. A análise indica que o narrador se relaciona eroticamente com Ace a partir das prerrogativas de um fetiche racializado, aqui denominado raceplay, em ambos textos de partida e traduzido. Por ser tema de difícil acesso no ambiente acadêmico, esta pesquisa se pretende introdutória na discussão sobre a dimensão sexual do racismo. Especificamente nos itens de Apreciação, foram encontrados índices de como os valores estéticos estabelecidos na comunidade guei direcionam o narrador a avaliar positivamente o corpo negro de Ace por meio de esteriótipos raciais. A análise também esmiúça pontos irresolvidos ou não-desenvolvidos na tradução de Klebe, tanto no que diz respeito à sua textualização autônoma quanto no aproveitamento e exploração das afinidades e contrastes entre os contextos de partida e de chegada. Ainda são raros os estudos no campo da Avaliatividade que se atêm ao conteúdo erótico como possibilidade fértil; apesar da teoria privilegiar o conteúdo emocional e sensível no discurso, componentes incontornáveis do erotismo. Igualmente raro, senão inexistente, é uma sistematização própria à análise da relação intercultural e de equivalência que tanja injúrias raciais, termos racialmente-motivados, léxicos racializados e, em sua versão erótica, raceplay. Intenta-se, portanto, estabelecer um campo comum entre Teoria da Tradução, LSF e Estudos Culturais a abarcar tal multiplicidade.

Palavras-chave: Tradução, Estudos Culturais, raceplay, Avaliatividade, Phil Andros, contos homoeróticos, Linguística Sistêmico Funcional (LSF).

2. ABSTRACT

This work investigates Ace Hardesty character's representation in two chapters of Phil Andro's *Stud* (1968), a collection of erotic short stories, in parallel with their corresponding chapters in Brazilian Portuguese, named *Aventuras de um Garoto de Programa* (1998), translated by Dinah Klebe. To this objective, the work is based on the Appraisal model by MARTIN and WHITE (2005), developed from the theoretical framework of Halliday's Systemic Functional Linguistics. It analyses the attitudinal-lexis used in the instances which the narrator Phil Andros physical-and-psychologically describes this character, apropos of Ace's inter-sectional position as a gay, black and hustler man. The data were typified and arranged for interdisciplinary analysis, investigating the texts from their contact with their respective contexts touching racial and sexual issues. The analysis indicates that the narrator relates erotically with Ace in both the source and translated text within the prerogatives of a racialized fetish, here called raceplay. Being it a topic that has little to no access to the academic environment, this research is intended to be introductory to the discussion of the sexual dimension of racism. Specifically in the Appreciation lexis, indicators of how the aesthetic values established in the gay community were found to direct the narrator to positively evaluate Ace's black body though racial stereotypes. The analysis also breaks down unresolved or undeveloped points in Klebe's translation, both in terms of its autonomous textualization and in the use and exploration of the affinities and contrasts between the source and arrival contexts. Appraisal studies that focus on erotic content as a fertile ground are still rare; despite being it the theory that privileges the emotional and sensitive content in discourse, unavoidable components of eroticism. Equally rare, if not non-existent, is a systematization proper to the analysis of the intercultural contact and equivalence encompassing racial slurs, racially-motivated lexis, racialized lexis and, in its erotic version, raceplay. Therefore, this work intent to establish a common field between Translation Theory, SFL and Cultural Studies to encompass such multiplicity.

Keywords: Translation, Cultural Studies, raceplay, Appraisal Theory, Phil Andros, homoerotic short-stories, Systemic Functional Linguistics (SFL).

LISTA DE TABELAS

Tabela 0 - Abreviações de Atitudes e símbolos.	28
Tabela I	30
Tabela II	37
Tabela III	44
Tabela IV	46
Tabela V	48
Tabela VI	42
Tabela VII	56
Tabela VIII	57
Tabela IX	58
Tabela X	59
Tabela XI	60
Tabela XII	60
Tabela XIII	60
Tabela XIV	61
Tabela XV - Léxico atit. por número de ocorrências em Stud.	62
Tabela XVI - Léxico atit. por número de ocorrências em Garoto.	62
Tabela XVII - Atitude por tipo.	63
Tabela XVIII - Apreciação por subtipo.	63
Tabela XIX - Atitudes por Orientação.	64
Tabela XX - Apreciação por Orientação.	64

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	10
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	13
2.1. <i>Tradução e linguagem</i>	13
2.2 <i>Raça, sexualidade e Estudos Culturais.</i>	19
2.2.1 “Desguetificação guei” e a questão genérica: valoração.	19
2.2.2 A racialização enquanto componente apreciativo: composição.	20
3. METODOLOGIA	25
3.1 <i>O Corpus</i>	25
3.2 <i>Preparação do Corpus e das Categorias de Análise</i>	26
4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS	30
4.1 <i>Análise I</i>	30
4.2. <i>Análise II</i>	44
4.3. <i>Análise III</i>	56
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
6. REFERÊNCIAS	68

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho pretende analisar no léxico avaliativo de um corpus paralelo, privilegiando os impactos textuais em termos de interpretação e significação gerados pelas escolhas lexicogramaticais na construção do personagem Ace Hardesty e sua relação com o narrador-personagem Phil Andros. Será explorada a relação entre os sentidos construídos pelo narrador no texto fonte de 1969 e pelo narrador do texto alvo de 1998, exclusivamente nos sistemas de *Atitude* e *Gradação*. Para tal, esta pesquisa baseia-se nos modelos teóricos e métodos desenvolvidos por J.R. MARTIN e P.R.R. WHITE (2005) em *The Language of Evaluation: Appraisal in English* e Jeremy MUNDAY (2012) em *Evaluation in Translation*. Objetiva-se com isso compreender as relações estabelecidas na tradução entre os contextos em contato, nas suas dimensões culturais, principalmente no que diz respeito aos conflitos étnico-raciais explorados pela relação homossexual entre os personagens. Parto do pressuposto, desenvolvido ao longo da pesquisa a partir das observações de GONZALES (1984) e BAIROS (1996), de que as diferenças nas formações coloniais entre os EUA e o Brasil culminaram em experiências e estruturas distintas às quais textualizações nos respectivos contextos responderiam formando seus significados (HALLIDAY, 2004).

Stud é uma coletânea de contos eróticos de cunho autoficcional escritos por Samuel Steward sob o *nom-de-plume* Phil Andros, publicada pela primeira vez em 1969. Samuel, doravante Phil, reconta suas experiências e encontros sexuais/afetivos a partir do seu lugar político, social e identitário de michê homossexual. A narração dos acontecimentos retratados nos contos tem a perspectiva em primeira-pessoa de Phil como núcleo formador de significados. Suas impressões, avaliações e sentimentos em relação ao seu contexto e outros atores são o conteúdo textualizado por essa voz-narrativa.

Em 1998 Stud foi traduzido para o português brasileiro por Dinah Klebe para a editora Summus. Intitulada *As Aventuras de um Garoto de Programa*, a tradução foi uma das obras inaugurais do selo Edições GLS da editora.

No universo de análise desta pesquisa, os capítulos *Ace in the Hole* e *Two-Bit Whore*, do texto de partida, *Bola Preta na Caçapa* e *Um Michê Barato*, na

tradução, o narrador relata as experiências pelas quais passou ao conhecer e conviver com o personagem Ace Hardesty. Ace é um homem negro, bissexual que, assim como o próprio narrador, trabalha como michê. Ao relatar seu contato com o personagem, Phil tece uma série reflexões sobre as interações raciais dentro do grupo minoritário gay¹ e da cena de prostituição masculina estadunidense dos anos sessenta.

Os sentidos construídos pelo narrador são fortemente marcados por termos específicos da marginalização a qual são submetidos os homossexuais e os afro-americanos. Quando se debruça sobre a identidade homossexual e afroamericana do personagem Ace, Phil tenta compreender suas complexidades concomitantemente à já estabelecida atração sexual e afetiva que sente pelo parceiro. Tensões no relacionamento, geradas na incompatibilidade externa e interna entre essas identidades, são explicitadas ou implicadas por meio de jogos de linguagem que ressaltam ou suavizam suas diferenças. As tensões raciais e o desejo erótico se confundem à medida que a insustentabilidade instaurada encontra na sexuaor uma cisão irreparável entre os dois provocada, paulatinamente, pelas transferências psicosexuais e violentas das tensões.

A representação do personagem Ace Hardesty e sua relação com o narrador é o tema central dos capítulos 5 e 6 em ambos os textos. Analisarei os marcadores léxico-gramaticais da interação (homo)erótica e (homo)afetiva racialmente motivada entre Ace e Phil, de acordo com o modelo supracitado de *Avaliatividade*. Tal análise pretende, de início, demonstrar que as anteriormente citadas tensões e diferenças entre os dois são, para além de um ponto de contenda no relacionamento, o motivo pelo qual tal relacionamento se dá em primeiro lugar.

Por meio da análise dos itens avaliativos relacionados à *apreciação* erótica de Phil por Ace, estabelecidas como tais no texto de partida, serão analisadas as mudanças atitudinais intentadas por Klebe no texto alvo, tendo em vista as intencionalidades autorais, assim como o posicionamento ideológico, na relação entre o texto alvo com o contexto brasileiro dos anos noventa.

A literatura pornográfica, mesmo em sua gradação erótica, ainda dispõe de poucos momentos nos lugares de prestígio literário e análise acadêmica. No

¹ Doravante intercambiável com “guei”, grafia aclimatada à qual dou preferência a exemplo de RODRIGUES-JÚNIOR (2010).

componente 2.2.1 desta pesquisa estabeleço, não-exaustivamente, a perspectiva que adoto com relação ao gênero textual e sua inserção nos contextos guei paralelos.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

2.1. Tradução e linguagem

Toda textualização é um processo linguístico de atribuição de valores e significados que partem de um contexto externo e têm nesse contexto sua chave interpretativa. De acordo com HALLIDAY (1978):

O *texto* é a forma linguística de interação social. É uma progressão de significados contígua... Os significados são seleções feitas pelo falante das opções que constituem o significado potencial: texto é a realização desse significado potencial, é o processo de escolha semântica. (p. 122)²

Considerando o conceito abstrato de “contexto” como a soma de todos os significados potenciais, a textualização, portanto, pode ser entendida como o isolamento e composição de significados para determinada finalidade. A língua enquanto repositório é organizada em orações e estruturas gramaticais. O vocabulário é recortado em escolhas lexicais. Temas e questões sociais são interpretados pela voz expressa no discurso de acordo com seus posicionamentos ideológicos. É, portanto, na relação entre potencialidade e escolha que se encontram as chaves para o entendimento de determinado texto e as intenções pretendidas por seus textualizadores. “Significado potencial”, conforme MUNDAY (2012), diz respeito à construção discursiva a partir das escolhas axiais e contíguas feitas pelo falante em diálogo implícito com o contexto geral de seu ato de fala, incluindo os seus conteúdos ideológicos e as possibilidades comunicativas de seu interlocutor. Em *Evaluation in Translation*, MUNDAY (2012) propõe que tal conceito é central para a conceptualização e posterior análise de significados socioculturais mais amplos.

Quando se pensa na tradução, pensamos na retextualização como o processo pelo qual um referencial específico, o texto de partida, deve fazer concessões ao referencial amplo do contexto alvo, no texto traduzido. Isso coloca em contato, por consequência, contexto fonte e alvo. Ao traduzir um texto, os

² Tradução minha. Original: “The text is the linguistic form of social interaction. It is a continuous progression of meanings... The meanings are the selections made by the speaker from the options that constitute the meaning potential: text is the actualization of this meaning potential, the process of semantic choice.”

significados socioculturais imbricados no texto de partida enquanto sistema são contrastados com o sistema da cultura receptora.³

Em *The Language of Evaluation: Appraisal in English* (2005), MARTIN e WHITE estruturam, a partir dos estudos em linguagem de Halliday e da *Linguística Sistêmico-Funcional (LSF)*, o modelo de *Avaliatividade*. MUNDAY (2012, p. 16) enfatiza, enquanto teórico da tradução, a proliferação da LSF tanto na análise de textualizações em relação ao *contexto de cultura* quanto na ideia de escolhas tradutórias, que orientam seu trabalho.

A *Avaliatividade* é um modelo teórico e de análise dentro da *LSF* que se ocupa da construção semântica no discurso a partir de suas escolhas⁴ lexicais e sintáticas. De maneira ampla, a teoria se dispõe a servir de ferramenta para a interpretação da subjetividade daquele que atribui significados por meio do discurso, estabelecendo, simultaneamente, quais são esses significados e de que maneira enunciador, enunciado e enunciação se articulam.

Para os propósitos desta pesquisa, dos sistemas de *avaliatividade* apresentados em MARTIN e WHITE (2005), serão focados exclusivamente os trabalhados no Capítulo 2, *Attitude: Ways of Feeling*, e 3, *Engagement and Graduation: Alignment, Solidarity and the Construed Reader*. No recorte apresentado, os autores desenvolvem, respectivamente, os conceitos que aqui serão utilizados: *Atitude* e *Gradação*.

Como teoria interpretativa, *Atitude* compreende construções textuais geradoras de significado. Todo texto, assim como todo discurso, é composto de associações e atribuições de valores e impressões. As escolhas que compõem toda e qualquer textualização exploram campos de significação potencial. A depender da natureza dessas escolhas, *attitudes* podem ser inscritas ou invocadas.

Diz-se *atitude inscrita* o conteúdo realizado por um *léxico atitudinal*, que comprime em si o significado intencionado ao se manifestarem no texto de maneira direta. Exemplos são: triste, sem mérito, raivoso, interessante, fraco etc. O *léxico atitudinal* forma a base semântica e contextual de determinação do posicionamento daqueles que produzem o discurso. Segundo MARTIN e WHITE (2005, p.64), “*atitude inscrita*, em outras palavras, lança e subsequentemente reforça uma prosódia que direciona o leitor em sua avaliação do material ideacional

³ HALLIDAY (2001).

⁴ Termo utilizado aqui no mesmo sentido de *selections* no excerto de HALLIDAY (1978).

não-atitudinal sob seu escopo”.⁵

Quando *invocadas*, as *atitudes* são realizadas indiretamente, por consequência do direcionamento interpretativo que o leitor é impulsionado a ter. Invoca-se *atitude* tanto pela relação que outras frases e realizações lexicogramaticais estabelecem com o *léxico atitudinal*, quanto por metáforas lexicais e figuras de linguagem. *Token*, tanto nesta pesquisa quanto em *Appraisal*, é usado para designar *atitudes invocadas* que se manifestam em léxico individual. Em termos de análise, são a mesma coisa.

Ambas as manifestações de *atitude* se realizam nos três campos semânticos considerados clássicos: emoção, ética e estética. Às variações de construções atitudinais que sistematizam o significado de cada campo, tipificam-se, respectivamente: *afeto*, *juízo* e *apreciação*.

A categoria *atitudinal* tipificada como *afeto*⁶, diz respeito ao registro de sensações positivas ou negativas expressadas pelo avaliador⁷ com relação a participantes ou processos referenciados na estrutura gramatical. As escolhas lexicogramaticais desse tipo descrevem as reações emocionais e sensoriais do avaliador a determinado estímulo. Tais reações podem se manifestar em processos mentais, atributivos, circunstanciais, qualitativos, comportamentais, modais etc; tal como são estruturadas as realizações gramaticais em HALLIDAY (1994).

De modo geral, *afeto* é a categoria atitudinal que circunscreve as realizações de qualidades (tais como alegria, raiva, tristeza, entre outros) e processos (choro, euforia, dor etc) experienciados pelo avaliador/sensor. É por meio da experienciação, digamos “pessoal”, do avaliador, que *afeto* é caracterizado.

Afeto enquanto uma categoria de atitudes se desdobra em manifestações, a considerar o tipo processual da experienciação a ser caracterizada e a função gramatical ela que exerce. A saber, os subtipos são: *qualitativo*, *processual* e *adjuntivo*, a depender do fenômeno que descreve. *Afeto qualitativo* funciona como qualificador de participantes, processos mentais e comportamentais, além de circunstâncias. *Afeto processual* descreve processos de acordo com a carga emotiva que eles carregam. *Afeto adjuntivo* acontece quando o componente que

⁵ Itálico meu. Tradução minha. Original: “Inscribed attitude, in other words, launches and subsequently reinforces a prosody which directs readers in their evaluation of non-attitudinal ideational material under its scope.”

⁶ MARTIN e WHITE (2005, p. 42)

⁷ Aquele que faz a avaliação, ou seja, tem *léxico atitudinal* com relação a algo. Doravante usado em preferência de enunciador.

carrega o significado emotivo acontece na forma de interjeição ou como um comentário do falante, com relação ao discurso em si ou do assunto tratado.

Quanto à subtipificação de afeto, no entanto, fica a critério do pesquisador ou do nível de sutileza da análise estabelecer as diretrizes. Embora determinados conteúdos emocionais se manifestem estritamente na léxico-gramática, sua análise depende de outra série de fatores. Como ao longo desta pesquisa não houve a necessidade de se aprofundar em *afeto* enquanto conteúdo atitudinal chave para a interpretação do corpus, não é de interesse entrar nos pormenores.

Julgamento cobre as atitudes direcionadas a comportamentos valorizados ou desaprováveis, louvados ou execrados, na forma de críticas e elogios. Pode se manifestar de maneira sutil ou como o julgamento literal de um Avaliador a um Avaliado. Suas subcategorias são divididas entre os conceitos mais amplos de estima e sanção, de acordo com qual tessitura social dialogam os juízos de valor empreendidos.

Julgamentos de estima cobrem aspectos relacionados à *normalidade*, *capacidade* e *resolução* e são baseados em valores socialmente estabelecidos em ambientes distensos⁸, geralmente por meio da oralidade. *Normalidade* é o julgamento de encaixe social e é relativo à diferença entre um sujeito ou coisa com relação ao que se considera habitual. *Capacidade* diz sobre a percepção que faz o Avaliador de acordo com a habilidade e proficiência do Avaliado em determinado sistema de funcionalidade. *Resolução*, por sua vez, é o subtipo em que o Avaliador julga a volição do Avaliado e sua vontade diante de um sistema de impedimentos, ou o quanto o Avaliado é decidido sobre determinada posição que assume.

Julgamentos de sanção, no entanto, dizem respeito a comportamentos institucionalmente prescritos e codificados, são aqueles cuja observação se dá por meio da comparação de determinadas ações, atitudes e crenças com algum sistema que estabelece uma norma. São dois os julgamentos desse campo, *veracidade* e *decência*, lidando, respectivamente, com os conceitos de verdade e moral. Quando um julgamento de veracidade é positivo, afirma ou implica determinado silogismo ou proposição que se pode dizer verdadeira dentro de um sistema de crenças. Quando um julgamento de decência é positivo, afirma ou implica determinado comportamento ou pessoa como ética dentro de um ou mais

⁸ Entende-se distensão por “informalidade”, dado que os ambientes só se tornam formais sob uma tensão social específica.

sistemas de valores morais.

Apreciação, por fim, é o tipo que diz sobre o campo de sensações e significados construídos a partir da análise de objetos, ou aspectos “objetificáveis” de fenômenos, em sua dimensão estética. Pode ser descrita a partir de três características ou manifestações, *reação*, *composição* e *valoração*.

Reação é a subtipificação que descreve a comoção emocional do Avaliador diante do Avaliado ou como o primeiro é “tocado” esteticamente pelo segundo. Supõe uma espécie de “ação” por meio da qual aquilo que é Apreciado interage com seu Apreciador e geralmente descreve construções mentais cuja visceralidade não é intelectualizada ou intelectualizável. Possui forte conexão com *afeto* por abranger o campo emotivo da *apreciação*.

Composição é relacionada à percepção e à análise do objeto avaliado em si pelas suas partes constituintes tais quais podem ser esmiuçadas de forma descritiva. Seu léxis analisa e caracteriza aspectos como equilíbrio e complexidade, mas também pode dizer sobre características e diferenciais. Segundo MARTIN e WHITE (2005, p.57) a *composição* é relacionada a nossa percepção e visão de ordem, podendo ser interpretada metafuncionalmente também como índice da organização textual, sem elaborações posteriores⁹.

Valoração, por sua vez, é relacionada ao aspecto cognitivo de avaliações, onde o Avaliador delonga na elaboração de opiniões sobre determinado objeto a partir de valores previamente estabelecidos. O foco institucional¹⁰ é, em última instância, o que especifica e distribui os “pesos” de valor apreciativo àquilo que é Avaliado neste subtipo. Entende-se por foco institucional o conjunto de qualidades que recebem prestígio em determinado campo do saber, *locus* discursivo, comunidade ou gênero textual.

A partir de HARVEY (2000) as discussões iniciais a respeito da construção identitária guei e o projeto de comunidade que essa construção entra em contato com essa organização institucionalizada de valores que a *atitude* parece simultaneamente pressupor e gerar. Se afirmar identitariamente como “gay” significa literalmente desenvolver o pertencimento a essa categoria social e política, portanto institucional, dizendo, concomitantemente, “faço parte da comunidade gay”. Ainda segundo HARVEY (2000), a relação que a formação identitária, que é

⁹ Observação esta levada à sua conclusão no componente 3.2 da presente pesquisa.

¹⁰ MARTIN e WHITE (2005, p.57): *institucional focus*.

um processo interno, tem com a ideia de comunidade imaginária, sendo uma projeção da identidade em busca de pertencimento. Em vez de imaginar uma identidade quei "genérica" e descontextualizada, é necessário levar em conta as diferentes formas de estabelecer e expressar as vivências homossexuais. Esses lugares específicos, porém, podem ser extrapolados para as relações que as comunidades gays têm entre si em suas similaridades experienciais e nas influências que movimentam umas nas outras.

2.2 Raça, sexualidade e Estudos Culturais

O modelo e teoria interpretativa desenvolvido em *Appraisal* pressupõe um universo pré-existente de significações socioculturais e valores coletivos. É nesse ponto que o textualizador tão somente faz uso desse arcabouço na manifestação de seu posicionamento pelo *léxico atitudinal*. HALLIDAY (1998) descreve o conceito de *contexto de cultura* como o contexto geral que significa gestos e objetos, como o texto, dentro de valores culturalmente reconhecidos. Construindo a partir de linguistas como Sapir, Whorf e Malinowski, HALLIDAY inscreve ao *contexto de cultura* o lugar privilegiado de análise discursiva para a LSF, pois é esse contexto amplo e coletivo que permeia a multimodalidade de instanciação.

Entendendo esse aspecto e atendendo a ele, é preciso, para que esta pesquisa faça sentido, estabelecer um conjunto referencial sobre tal cultura. Será com relação a essas pesquisas que focam cultura guei, masculinidades negras, racialização e raceplay que a análise do conteúdo atitudinal terá fruição.

2.2.1 “Desguetificação guei” e a questão genérica: *valorização*.

Os processos de “desguetificação” guei foram catalizados nos EUA, pela revolta de Stonewall, e no Brasil, pelas respostas à epidemia da aids, respectivamente, nos anos sessenta e noventa. Nesse período, os esforços dos movimentos LGBT repercutiram, sistematicamente, na integração parcial dos “desviantes”. A lógica comercial toma conta então do que TREVISAN (2018) coloca como “clima de permissividade controlada” desse período, gerando uma versão palatável selecionada entre a real diversidade de possibilidades.

Com relação às consequências desse movimento, TREVISAN (2018) coloca:

Em troca da ampliação do gueto e da relativa liberalização fora dele, houve pesados juro a pagar. Tal como constituída, a cena guei visa basicamente cumprir as necessidades imediatas do consumo sexual: o foco de interesse se concentra sobretudo abaixo da cintura. [...] Ora, o consumo de sexo passa pela garganta estreita dos padrões "Vendáveis no mercado da carne, em clima de competição baseada no exibicionismo.

Criaram-se para tanto esteriótipos em forma de tribos. Primeiro, as superbichas, quer dizer, homens vendendo fantasias exacerbadas, com base no tripé virilidade, beleza e juventude. [...] Em certos ambientes gueis tornou-se entediante o desfile de barbies depiladas, exibindo a mesma virilidade teatralizada e músculos artificiais, a partir do culto à academia de

ginástica e da ingestão de doses maciças de anabolizantes, valores tornados superiores e absolutos. Os mesmos corpos, os mesmos músculos, as mesmas poses. No limite, essa tendência da cena guei criou corpos esculturais em série — vale dizer, clones.

Sendo o mercado editorial não apenas um espaço de identificação, mas também de comercialização identitária, essa estratificação também define o *locus* de produção e recepção minoritário gay/guei de Phil Andros em *Stud* e, trinta anos depois, o da Edições GLS. Como RODRIGUES-JÚNIOR (2010, p. 606) em seu artigo sobre *Stud* e sua tradução em 1998:

O discurso literário tornou-se, por assim dizer, um “local discursivo” em que leitores gays encontravam experiências de vida parecidas com as suas, registradas explicitamente na trama de personagens gays. O texto literário, portanto, caracteriza-se como a materialização dessas experiências e, ao mesmo tempo, a reprodução de realidades muitas vezes experienciadas por leitores que compartilham ideias e sensações análogas às dos personagens literários.

Ainda hoje, efeitos desse fenômeno e ressonâncias dessa disposição continuam a estreitar o desejo homossexual à padronização. Temos, a exemplo de *Stud*, determinadas expectativas genéricas (HARVEY, 2000) relacionadas a erotismo e homossexualidade tal como historicamente representadas em texto. Além de aspectos metatextuais, o contexto extratextual impacta a forma com que qualidades exprimidas pelo *léxico atitudinal* sequênciam valores de negativo a positivo ou vice-versa. Valores imbuídos na subcultura guei e de trabalho sexual também orientam o ponto de vista do narrador cuja identidade se forma nesses consensos de grupo. O *léxico atitudinal* do tipo *apreciação* é subtipificado como *valoração*, de acordo com essa compreensão, pois o sistema de *valoração* entende especificamente aquilo que compõe o *olhar* do Avaliador, em sua complexidade multifatorial.

2.2.2 A racialização enquanto componente apreciativo: *composição*

No Capítulo 5, *Ace in the Hole*, Phil Andros é levado ao estado do Texas, onde consegue emprego como mensageiro de hotel. Apesar de nomeada textualmente apenas pelo epíteto “Big D”, é inferível de que o local onde se encontra se trate da cidade de Dallas.

Phil chega no presente imediato de transição na cidade, os marcadores da divisão racial ainda visíveis por baixo da fina camada retificadora de tinta fresca sobre as palavras que designavam os lugares próprios a cada um. Embora não mais apoiada no sistema legal e sendo efetivamente combatida, a segregação reverbera a partir do impacto que teve nas últimas décadas e os esforços reparatórios encontram nas estruturas inalcançáveis à regulação das novas leis o seu ponto de resistência.

No Texas, assim como em outros estados do Sul (South) dos EUA, espaços públicos e privados seguiam as leis conhecidas como Jim Crow. Como trabalha DU BOIS (1935) esse conjunto de leis estaduais independentes estancaram os esforços de reconstrução do Sul após sua derrota militar na Guerra Civil. Temos de 1864 a 1877 o período de reconstrução do Sul. Os estados anti-escravocratas do Norte, vitoriosos, reunificaram o território Confederado ao solo nacional, aboliram a escravatura no Sul e garantiram cidadania plena aos negros libertos sob emenda constitucional. Contudo, ao fim desse período, o partido Democrata, sendo de orientação conservadora, decidiu retirar as forças federais do nortenhas do território ocupado. Isso se deu de forma a angariar apoio político das elites brancas, aumentando a independência política dos estados deixados aos próprios meios organizacionais. MORRIS (1984) explica que, gradualmente, os direitos de voto, locomoção e seguridade dos libertos foram sendo revocados pelas autoridades legais por meio de emendas e leis que tangencialmente afetavam a população negra.

Restringidos de exercer cidadania e terem uma vida pública, coloca MORRIS (1984) os negros no Sul acompanharam ao longo de décadas a passagem de leis que, por fim, discriminavam espaços específicos de uso para "colored" (de cor) e "white" (branco). Boicotes, manifestações e atos de desobediência civil, organizados por coalizões, grupos e indivíduos negros ao longo das décadas seguintes mantiveram pressão política contra a segregação. Em 1964, finalmente, a Lei dos Direitos Civis (Civil Rights Act) passou pelo congresso americano respaldando federalmente seu fim.

Integração e interracialidade são discutidas e tematizadas no Capítulo 5 de *Stud*, montando a estrutura que servirá para as discussões sobre hierarquias, relações de poder, intimidade e dramatização no capítulo seguinte. Antes de formado seu relacionamento, Phil chega a descrever que fazia questão de compartilhar do gargalo da garrafa que Ace havia bebido. A degustação de sua

saliva joga simultaneamente com a troca de fluidos em uma metáfora sexual e a transposição da rigidez segregatória. O lugar reservado ao conflito sexual ocasionado pela marginalização que é transposta e complementada pelo da interracialidade. KUZMANOVIC (2018, p. 71) descreve *raceplay* como “uma palavra guarda-chuva [que] cobre todo o campo de cenários eróticos baseados na humilhação e submissão consensual de membros de determinada raça ou etnicidade por outra”¹¹. Em Stud o trope do desejo proibido, comum do gênero erótico homossexual, é vestido do figurino próprio do *raceplay* e encena essa impossibilidade no palco da recém instalada integração. Superadas são essas forças antagônicas externas e explícitas do racismo e da homofobia, as transplantando, no entanto, para um lugar de expressão mais íntimo e subentendido. Para o deleite implícito e delicadamente trabalhado de Phil, Ace interage com ele e consigo mesmo de acordo com essa simbologia.

Não é nova a ideia de que, por consequência histórica do colonialismo e da escravização de africanos pelos europeus, relações hierárquicas se alojariam no não-dito social. Com os avanços teóricos e a sistematização da psicanálise por expoentes como FANON (2008) a definir esse “não-dito” como o inconsciente colonial e o “não-dizer” do racismo como o seu processo de *recalque*. Em *Pele Negras Máscaras Brancas*, o autor se dispõe a desvelar processos de subjugação racial internalizada por meio da técnica psicanalítica. Quanto a esse processo de “mascaramento”, conceito ligado estritamente com a ideia psicanalítica de *recalque*, temos em Lélia GONZALES (1984) uma representante brasileira do quão frutífera pode ser a aplicação dessa renovada teoria analítica para o entendimento do racismo. Analisando o processo neurótico em fruição no texto de um certo sociólogo brasileiro branco, coloca:

Ora, sabemos que o neurótico constrói modos de ocultamento do sintoma porque isso lhe traz certos benefícios. Essa construção o liberta da angústia de se defrontar com o recalque. [...] No momento em que fala de alguma coisa, negando-a, ele se revela como desconhecimento de si mesmo. (1984, p. 232)

Sem maiores delongas, a definição de um modelo a dar nome à diferenciação fenotípica por meio de uma composição atributiva de cunho racial é

¹¹ Tradução nossa. Original: “As an umbrella phrase, ‘race play’ covers a whole range of erotic scenarios based on consensual humiliation and submission of the members of one race or ethnicity by the members of another”

necessária à presente pesquisa. Sob a pena e risco de cair no não-dito, estabelecê-la servirá de alicerce contextual e evidenciará meu posicionamento de leitor tático¹².

Partindo da definição ampla de KUZMANOVIC (2018), delimito o significado de *raceplay* no presente trabalho em sua disposição privilegiadamente colonial de *jogo simbólico atributivo* de cunho erótico e fetichista exclusivamente interracial entre indivíduos brancos e negros. Para tanto, analisarei suas manifestações auxiliado pelas observações de de FANON (2008), GONZALES (1984) e NKOSI (2014). A essa definição, é também de utilidade associar a ideia de *racialmente motivado(a)*, que diz respeito a *atitudes* direcionadas a atributos raciais, para questões de organização argumentativa. *Motivação*, em contato com *racialização* e *raceplay*, apresenta uma gradação de maior leveza, beirando o anódino.

Racialização também é um conceito com o qual trabalharei nas análises. Esse termo tem a serventia de poder, ao contrário de *raceplay*, transicionar fora do campo erótico/erógeno para situações corriqueiras. SILVÉRIO (2013, pp. 34-35) descreve sucintamente *que*:

"A ideia contemporânea de "racialização" ou "formação de raça" se baseia no argumento de que a raça é uma construção social e categoria não universal ou essencial da biologia. Raças não existem fora da representação. Em vez disso, elas são formadas na e pela simbolização em um processo de luta pelo poder social e político. O conceito de racialização refere-se aos casos em que as relações sociais entre as pessoas foram estruturadas pela significação de características biológicas humanas, de tal modo a definir e construir coletividades sociais diferenciadas."

Em contato direto com *racialmente motivado(a)* e *raceplay*, a definição em SILVÉRIO (2013) de raça enquanto representação auxilia os propósitos da pesquisa. Mantém a construção ficcional dos atributos de Ace como parte da *ideação* de Phil enquanto narrador, não como um fenômeno *a priori*. Assim, quando analiso características fenotípicas ou *racializadas* de Ace, entende-se que isso se dá a partir do pressuposto de que todas essas atribuições fazem parte da construção de significados entendidas pelos autores de ambos os textos, Andros e Klebe.

Entrando no contexto de chegada, de cujas especificidades trabalha bem proximamente BAIROS (1996), temos nos anos noventa um Brasil recém saído

¹² MARTIN e WHITE (2005, P. 62)

do centenário da Abolição. Caro aos esforços do Movimento Negro brasileiro dessa época, coloca BAIRROS (1996) é o desfacelamento do mito de democracia racial gestado como política de controle e hegemonia nas diversas fases da república. Sobre o ano de 1988, ela escreve:

[...] o debate sobre as desigualdades raciais tomou conta da sociedade e o movimento teria, como poucas vezes no passado, conseguido reagir a ação do estado como uma força social coesa. Considero que o centenário não poderia ter acontecido nos termos do movimento negro se já não estivéssemos engajados numa longa disputa, marcada por significativos avanços obtidos nos dez anos que antecederam o evento. (p. 184)

Temos no fortalecimento e organização do Movimento Negro uma movimentação direcionada à autorrepresentação. Marcos literários desse momento foram *Cadernos Negros (Quilombhoje, 1990)* e *Cidade de Deus (1997)*. Diferentemente do “clima” de conquista de direitos por meio das conquistas no campo inclusão nos anos 60, no Brasil dos anos 80 e 90 a militância se organizava contra-ideologicamente à política de assimilação que acontecia paralela ao genocídio por meio da guerra-às-drogas e narrativas de violência urbana.

3. METODOLOGIA

3.1 O Corpus

Dois contos de Samuel Steward sob o pseudônimo Phil Andros, na coletânea *Stud*, de 1969, pela editora Perineum Press.

Dois contos traduzidos por Dinah Klebe, tendo como texto-de-partida a obra supracitada de Andros; na coletânea *As Aventuras de um Garoto de Programa*, de 1998, pelo selo Edições GLS da editora Summus.

3.2 Preparação do Corpus e das Categorias de Análise

Logo após a seleção do corpus, passagens relacionadas ao contato entre o personagem Ace e o narrador Phil foram colocados em avulso. Dessas passagens, foram analisadas quais avaliam e descrevem o personagem Ace Hardesty para a composição do subcorpus. Entende-se aqui como “subcorpus” os trechos a serem analisados de acordo com o modelo de *Avaliatividade* explorado no segundo componente deste trabalho.

A exemplo de como pode ser visto em MARTIN e WHITE (2005, pp. 69-77), emprego como método de abordagem dos trechos selecionados o que os autores classificam como *bottom-up*. A exemplo, também, de RODRIGUES-JÚNIOR e BARBARA (2013), onde semelhante processo foi empregado na análise exploratória das traduções de *The Picture of Dorian Gray*, de Wilde, para o português.

O que se faz neste trabalho, primeiramente, é a separação e catalogação de itens lexicais do subcorpus. Seguido a isso identifica-se a categoria e subcategoria do léxico e os dados são tipificados tabelados. As tabelas de análise são codificadas tais como em MARTIN e WHITE (2005), tendo aqui como legenda a *Tabela 0* encontrada ao final desse componente. Segue-se a cada trecho do subcorpus a tabela relativa a seus itens lexicais e a análise extensiva dos casos, com exceção da Análise III¹³.

É a minha posição sugerir que, das subtipificações exploradas em *Appraisal*, composição é a que recebe menos desenvolvimento. Não escapa a MARTIN e WHITE, no entanto, que:

Embora nossa estruturação geral para a análise de *atitude* tenha se estabilizado no decorrer dos anos, conforme transicionamos entre registros, acreditamos [...] que necessitamos desenvolver princípios sócio-semióticos para a classificação lexical, algo que ainda não nos é disponível. Não sabemos se tais princípios surgirão por meio da análise de corpus ou pelo desenvolvimento de argumentações elaboradas (ou alguma combinação de fatores).¹⁴ (p. 58)

¹³ Na qual uma análise exaustiva se demonstraria repetitiva.

¹⁴ Tradução minha. Original: *Although our general framework for analysing attitude has stabilised over the years as we move from one register to another, we believe (as noted above) that there is a need to develop social semiotic principles for classifying lexis which are not available to us at this time. We are not sure whether these will emerge from corpus studies or from the development of reasoned argumentation (or some combination of the two).*

É, portanto, também a minha posição estabelecer um critério de desambiguação entre *valoração* e *composição* para os propósitos desta pesquisa. Já que, sob uma avaliação cautelosa do capítulo *Attitude: Ways of Feeling*, as definições de tipo e seu posterior emprego na análise de textos selecionados, essas duas formas de *apreciação* demonstram considerável entrelace. Como, dos três, *reação* é o tipo que dispõe das bordas mais definidas quanto ao seu conceito e aplicação, sua definição permanecerá estritamente alinhada com MARTIN e WHITE (2005).

Para a análise de itens lexicais de avaliatividade em *Stud* e *Aventuras de um Garoto de Programa*¹⁵, serão considerados *valoração* os itens que se conformam ao status institucional *genérico* de *valoração* imbuído dos contos eróticos¹⁶. Significa que aquilo que é típico e, em grande medida, estereotipado desse gênero será atribuída *valoração* positiva ou negativa conforme o posicionamento do avaliador.

A *composição* serão atribuídas as realizações de *apreciação* cujo sistema de *valoração* não seja institucionalizado ou cujo sistema de gradação seja de difícil apreensão. No caso específico dos capítulos de *Stud* e *Garoto* contemplados por esta pesquisa, destacam-se como itens composicionais a *racialização* dos atributos de Ace quando tais qualidades não se encaixarem especificamente na *apreciação* erótica definida pelo lugar-comum da literatura erótica. Serão, portanto, atributos diferenciais considerados positivos sem que essa *valoração* se demonstre dentro dos códigos do que estabeleci¹⁷ como *raceplay*.

Nota-se que na grande maioria dos espaços destinados ao Avaliador nas tabelas que seguem se encontram vazios para evitar a repetição de *Phil* ou *narrador*. Com exceção das ocorrências em que o Avaliador é o Phil por meio de paráfrases, onde o campo será marcado como *Phil*". Quando o narrador referir-se a si mesmo na condição de personagem, a posição de Avaliador permanecerá nula, indicando o próprio narrador, e a do Avaliado será preenchida por quem/aquilo com o qual o personagem estabelece a relação *atitudinal*.

As aspas duplas (“) também marcam os demais Avaliadores que tiverem a atitude avaliativa em questão manifesta através de discurso direto. Essa diretriz

¹⁵ Doravante *Garoto*.

¹⁶ TREVISAN (2018)

¹⁷ Página 22 do presente trabalho.

segue vagamente HALLIDAY (1994), com exceção do uso de aspas simples (‘) para denotar pensamentos, já que, além dos manifestos pela própria voz narrativa, não há ocorrência. Trata-se de um texto em primeira pessoa com narrador-personagem, pensamentos de terceiros são tão somente objetos da especulação daquele que narra enquanto observador, portanto fazem parte da sua construção atitudinal.

Uma série de atitudes cujos autores não são diretamente a voz narrativa de Phil também estão dispostas nas tabelas. A presença dessas atitudes nos trechos e suas subsequentes análises contribuem para o entendimento desse narrador e suas intenções discursivas.

Nas tabelas pareadas aos trechos em inglês do texto de partida optei por preencher o campo do Avaliado com os termos utilizados na língua inglesa pelo autor. Traduções minhas poderiam implicar em dificuldades para encontrar as ocorrências nos trechos de referência ou, em contrapartida, exigir um extenso uso de notas explicativas.

Nos casos em inglês em que o Avaliado é alguma parte do corpo de Ace ou algum objeto que mantém com ele relação possessiva, decidi abreviar Ace's por A's. Em português, *do Ace* ou expressões equivalentes foram suprimidas, sendo de fácil entendimento quando se trata de algo que não seja relacionado com o personagem.

Tabela 0

ABREVIACES DE ATITUDES E SMBOLOS		
AFETO	JULGAMENTO	APRECIACO
des: repulsa/desejo	norm: a/normalidade	reaç: reao
fel: in/felicidade	cap: in/capacidade	comp: composio
seg: in/segurana	res: ir/resoluo	val: valoraco
sat: dis/satisfao	ver: in/veracidade	
	dec: in/decncia	
<p><i>t</i>, para <i>atitude invocada</i> ou <i>token</i> “ para <i>discurso direto e/ou fala</i></p>		
<p>+ ou – a orientao ou <i>mood</i> da atitude, sendo positiva ou negativa, com neg marcando gramaticalmente essa negao</p>		

4. DISCUSSÃO E ANÁLISE DE DADOS

4.1 Análise I

O primeiro olhar de Phil sobre Ace desperta no narrador a necessidade de abrir descrição. A cena se dá no vestiário masculino do hotel St. Francis, Phil está acompanhando do seu colega de trabalho e instrutor Vess. Eles conversam sobre a integração racial do hotel dentro do contexto maior dessegregação texana. Vess deixa a saber que o posicionamento do hotel é progressista, dentro das possibilidades da época, mas deixa escapar índices de racismo por meio do uso de expressões pejorativas. Ao longo da conversa Phil também se pega nesses hábitos de linguagem, mesmo que sem intenção. [Trechos dessa conversa entrecortam as descrições de Ace e serão tratados na ANÁLISE 2, na segunda parte desta monografia.] Aqui, por hora, importa contextualizar, que conflitos raciais são tematizados entremeio à apresentação do personagem negro. Essa textualização paralela se fecha quando o pênis de Ace é comentado por ambos como uma característica geral dos homens negros (NKOSI, 2014), como uma possível justificativa para os supracitados conflitos.

Trecho I

I looked down the length of the locker room at another bench. A coal-black Negro buck was just stepping out of his street trousers. He was so black that the room lights turned blue when they reflected from his skin. As he moved, the liquid cobalt highlights kept flowing over his shining black body. The deltoids and biceps were great round bunched masses of powerfully developed muscles. The white jockey shorts made a blinding division of his body. I wet my lips with my tongue. [83]

[...]

The black Negro was entirely naked now. My mouth was very dry. He was enormous — massive thighs, long feet, a ridged blue-flickering abdomen and back. The size of his sex was frightening. His whole body glistened except for his pubic region, which had a flat, dull finish, without highlights. [84]

[...] "You'd think," I said, "that *guy* would wear shorts to kinda hide the size of that dingdong. It's a scandal to the jaybirds," I said, using another Southern expression I'd picked up.

"You jealous?" Vess said. Then he laughed. "They got it all over us white boys," he said. "Why shouldn't he advertise, if he's got the stuff? Matter of fact, I kinda think that's part of the reason we don't like 'em — we're jealous of what they got." [84]

Tabela I

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
<i>coal-black</i>				+comp	Ace
<i>Negro</i>				+comp	Ace
<i>buck</i>				+comp	Ace
<i>so black</i>				+reaç	Ace
<i>blue [...] reflected</i>				t, +reaç	lights on Ace
<i>shining black</i>				+reaç	A's body
<i>deltoids and biceps</i>				t, +val	A's body composition
<i>great</i>				+comp	A's arms & shoulders
<i>round</i>				+comp	A's arms & shoulders
<i>bunched masses</i>				+val	A's arms & shoulders
<i>powerfully developed</i>				+val	A's arms & shoulders
<i>muscles</i>				t, +comp	A's arms & shoulders
<i>blinding</i>				+reaç	white trousers
<i>[to] wet [...] lips</i>		t, +des			Ace
<i>black Negro</i>				t, +comp	Ace
<i>entirely naked</i>			t, —norm		Ace
<i>mouth [...] very dry</i>		t, +des			Ace
<i>enormous</i>				+val	Ace
<i>massive</i>				+val	A's thighs
<i>long</i>				+comp	A's feet
<i>ridged</i>				+comp	A's abdomen and back
<i>blue-flickering</i>				+reaç	A's abdomen and back
<i>the size</i>				t, +val	A's penis
<i>frightening</i>				+reaç	A's penis
<i>glistened</i>				+reaç	A's body
<i>flat</i>				—comp	A's pubis
<i>dull finish</i>				—comp	A's pubis

<i>without highlights</i>			t, neg +comp	A's pubis
<i>You'd think</i>	Phil"	—norm		Ace
<i>the size</i>	Phil"		t, +val	A's penis
<i>dingdong</i>	Phil"	t, —norm		A's penis
<i>a scandal [...]</i>	Phil"	—norm		A's penis
<i>jealous</i>	Vess"	—dec		Phill
<i>all over</i>	Vess"	+cap		"Negroes"
<i>we don't like 'em</i>	Vess"	neg +des		"Negroes"
<i>we're jealous</i>	Vess"	—dec		whites
<i>they have</i>	Vess"	+cap		"Negroes"

Como primeira análise, cabe reiterar os critérios para as categorias atitudinais que estão dispostas na Tabela I, em especial *apreciação*, que aparece com maior frequência. Contei como *apreciação* positiva (+) todo juízo estético que compreende aquilo que é avaliado como qualidade. Como simplificação pode-se entender isso como os marcadores lexicais daquilo que se compõe como um elogio ou as justificativas lexicais do porquê, contextualmente, aquilo que é avaliado é considerado positivamente. Como a abordagem *bottom-up*¹⁸ parte do nível lexical das realizações para o contexto maior de “clima” ou, em inglês, “mood”, o pesquisador deve partir de alguns pressupostos embasados para entender o que a voz narrativa quer dizer.

Estabeleci anteriormente que obras no gênero homoerótico de determinada época e determinados gostos (HARVEY, 2000) têm padrões de avaliatividade presumíveis. Uma forma orgânica de descrever isto seria dizer que tais obras lançam um olhar cândido sobre os índices de masculinidade. Me restringindo ao universo-de-análise, os Capítulos 5 e 6 de *Stud*, eu posso dizer que essa presunção genérica faz sentido e auxilia a interpretação dos itens relacionados à *apreciação*.

Powerfully developed, enormous, massive, entre outras palavras e expressões, parecem demonstrar a perspectiva pela qual Phil-narrador lobriga e apreende o corpo de Ace; portanto, demonstram *apreciação positiva*. Mais que isso, tais marcadores podem ser subtipificados em *valoração* positiva. Primeiro, porque considero que dos subtipos de *apreciação*, *valoração* é o que melhor encapsula

¹⁸ MARTIN e WHITE, 2005

aquilo que pode se considerar mais próximo do ideal comparativo contra o qual todo o resto é comparado e contra qual a coisa valorada em si foi comparada em primeiro lugar. Segundo, porque a *valoração* é dos subtipos o que é sistematizado de acordo com institucionalizações de valores.

Exemplos de *composição* são *great, round, long e ridged*. Essas palavras fazem parte do grande campo de *valoração* erótica do corpo masculino de acordo com os parâmetros do gênero. Mas têm, para esse fim, abordagens tangenciais, que evidenciam características secundárias.

Além desses exemplos, encontrei *valoração composicional* nos itens lexicais relacionados aos fenótipos-de-cor negros de Ace. *Coal-black, Negro, buck, black Negro* e *blue-flickering* o descrevem e são tanto qualitativos quanto em epítetos sob a justificativa de que a esse ponto da narrativa Phil ainda não sabe o seu nome. O caráter composicional desses itens atitudinais segue a seguinte lógica: são *apreciação*, e *apreciação positiva* para tanto, pois podemos inferir que tais traços e características descrevem uma beleza da qual Ace é possuinte; mas não são *valoração* pois não fazem parte de um sistema institucionalizado de valor inerente ao gênero erótico da época ou compartilhado socialmente. Ao contrário, poderia se dizer, o lugar desprestigiado que esses índices de beleza ocupam se codifica justamente como a lógica pela qual Phil aprecia Ace, embora o narrador protele contra tal conclusão.

Como veremos nos próximos trechos, essas *apreciações* parecem revelar não apenas a beleza, tanto no sentido amplo quanto o específico da lobrigação erótica, mas atributos pelos quais Phil se sente atraído. Um bom indicador desse fluxo semântico está nas ocorrências de *apreciação* do subtipo *reação* (MARTIN e WHITE, 2005). Nesse subtipo encontra-se a visceralidade responsiva de Phil ao quanto Ace é atraente para ele. Esse subtipo explicita o conteúdo ao qual Phil direciona esse desejo e é um indicador do que há de mais marcante em Ace de acordo com o narrador e o interesse deste pelo Avaliado.

So *black*, pelo uso do intensificador, mas também contextualmente, tipifica uma reação de surpresa e maravilhamento, sustentada por *shining black* e, posteriormente, *blue-flickering*. A iluminação ambiente é um ponto interessante da projeção atitudinal do narrador e *reação invocada*, servindo praticamente como uma alegoria do universo observacional do narrador em *that the room lights turned blue when they reflected from his skin*. A pele retinta de Ace é reativa. E embora seja uma

reação *positiva*, quando em contato com essas colocações visuais, o reforço e a gradação desse efeito denuncia certo grau de anormalidade. Questões relacionadas a *juízo* de normalidade invocados serão ainda mais preponderantes nas análises a seguir.

Ainda sobre a racialização (SILVÉRIO, 2013) de determinados atributos de Ace, *Negro* e *black* são manifestações estereotipadas desse fenômeno, sendo notável o quanto de léxico é dedicado exclusivamente à descrição de Ace pelo seu tom de pele. *Blinding* enquanto *reação* ao contraste de Ace e sua cueca branca também indica esse processo, sendo “branco” esse oposto completo. Contudo, essa racialização dos atributos de Ace não se detém apenas a essa definição estrita, e eu diria óbvia, de fenótipos relacionados ao tom de pele de Ace.

Atribuí anteriormente a esses itens lexicais “óbvios” a categorização de “fenótipos-de-cor”, dizendo sobre características relativas à pigmentação de pele típica dos povos africanos e africanos-em-diáspora (NKOSI, 2014). A exemplo do “sexo” de Ace, valorado e reagido pela desmedida e exagero de tamanho percebido, a relação de grandeza interage com os outros marcadores (NKOSI, 2014). Os marcadores de grandeza, por sua vez, corroboram para a interpretação racializada das características gerais *apreciadas positivamente* por Phil.

Quanto à “superdotação”, encontro paralelos em NKOZI (2014, p.81), que coloca: “Tende-se a esperar que o negro seja sempre *superdotado*¹⁹ de habilidades corporais diversas como dança, futebol, força física e outras atividades relacionadas à virilidade típica dos criados supermasculinos²⁰.” Nota-se que em *Stud* a surpresa e o espanto invocados pela apreciação reacional têm como catalizador sempre o objeto em si e a desmedida de seu tamanho, não que essa desmedida esteja

¹⁹ Grifo original.

²⁰ “Criado supermasculino” sendo referência à CLEAVER (1971, p.169), onde reitera a dinâmica colonial por meio da dialética hegeliana transposta ao duplo Mente (Senhor) e Corpo (Escravo). A “feminização” da classe dominante pelo próprio olhar colonial em detrimento do caráter masculino do cultivo do corpo incidental ao trabalho forçado. Interessante notar a “intersecção” em certo sentido entre esses valores coloniais e o estabelecimento da “tribo” dos gueis fisiculturistas testosteronados como colocados em TREVISAN (2015). É de se especular, por exemplo, o papel do “belo” como ferramenta de ascensão e assimilação social de grupos minoritários que intersectam o já minoritário grupo guei. Explorar com maior profundidade essa relação foge das capacidades desta pesquisa pois depende de um corpus cuja voz narrativa transita e experiencia em primeira pessoa esses dois lugares, o que não é o caso. Faz parte também do universo de hipóteses que, no contexto pós-AIDS, a valorização do vigor físico e a constituição corporal que o acompanha tenha surgido como uma reação inconsciente de repulsa aos sintomas da doença. Essa consideração, entretanto, só se aplicaria ao texto traduzido.

associada a Ace. Isto antes mesmo dessa *naturalização* ser textualizada no diálogo com Vess.

Os itens avaliativos de *apreciação* de *valoração positiva* relacionados a tamanho, *enormous*, *massive* e *the size (2x)* compõem um universo de características que são de maneira pouco sutil atribuídas a Ace. Características essas não coincidentemente atribuídas, mas implicadas justamente por ele ser negro. Aqui é imprescindível entender e cotejar a relação entre esse campo semântico de *apreciações* e os estereótipos raciais/coloniais que contemplam a pressuposta performatividade sexual do sujeito negro.

Ao final do Trecho I recortei a parte do diálogo que Phil tem com Vess concomitantemente à descrição de Phil por ser relevante na interpretação do léxico apreciativo e à contextualização semântica geral. As paráfrases atribuídas a Vess no diálogo são as únicas avaliações atribuídas a outro avaliador que não Phil-narrador ou Phil-personagem no trecho em questão. A expressão "*they got it all over us white boys*" dialoga com uma série de estereótipos raciais e, apesar de ser usada num contexto genital, o uso do pronome *it*, sua dimensão de *lugar comum* e frase-pronta abre espaço para a interpretação de que os outros atributos de Ace relacionados a essas associações de tamanho podem ser interpretadas por essa lógica. Tal afirmação passa inquestionada pela voz narrativa, pelo contrário ela é, com relação ao sentido invocado ao pênis de Ace, reiterada numa passagem que se encontra entre os Trechos I e III.²¹ Com relação ao caráter racial do desejo erótico demonstrado pelos itens avaliativos maiores análises se seguirão conforme novas ocorrências, por hora, tendo apenas a Tabela I como objeto, cabe essa relação da *apreciação*.

Em MARTIN e WHITE (2005) a tipologia de *apreciação* é desenvolvida como uma *atitude* direcionada a objetos, ou ao menos "coisas" passíveis de apreciação estética. Isso não quer dizer, contudo, que a presença majoritária de itens avaliativos desse tipo signifique diretamente ou de forma causal um movimento de objetificação especial a Ace na posição de avaliado. Cabe aqui lembrar que é característico do gênero erótico a disposição de atributos físicos como receptores de toda sorte de

²¹ "Room service. I hear tell he sometimes does more than deliver the food. He even eats it." Vess looked sly as a cat. "Men or women?" I asked.

"Bj," said Vess. "I've also heard he puts on exhibitions at stag shows." [84]

"Interesting," I said. "With that equipment he'd be a natural." [85] Grifo meu.

avaliações estéticas. Sendo em tal disposição estética onde a voz narrativa pode dispôr os atributos de que os personagens sob o olhar erótico são qualificados pelos personagens ou narrador-personagem que olha. Portanto o levantamento do caráter objetificante do processo de racialização não tem confirmação nesse fenômeno específico que é a construção de significados sobre Ace por meio de léxico atitudinal do tipo *apreciação*. É, mais profundamente, o *conteúdo* dessa apreciação que gera o fenômeno, como será demonstrado nas análises seguintes.

No que diz respeito ao tipo de *atitude afeto*, o trecho anterior proporciona um número restrito de material para análise. Como colocado na Fundamentação Teórica, a subtipificação de *afeto* não segue diretrizes fixas ou a análise de processos relacionais. O número de subcategorias e as nuances dos afetos que descrevem têm relação com a necessidade que o pesquisador sente em esmiuçar as relações atitudinais caso sejam abundantes ou desempenhem um papel central na narrativa. O que o Trecho I parece prefaciá é que o papel do *afeto* nos dois capítulos de *Stud* emoldura os itens de *apreciação*, demonstrando que Phil, enquanto avaliador, é desejanter de Ace. *I wet my lips with my tongue e my mouth was very dry* dão fisicalidade, ou melhor, corporeidade ao desejo de Phil.

O fenômeno se dá por meio da relação “Phil sente (que)” subentendida em como ele reage aos atributos cujo léxico usado é o de *apreciação*. Tais são os exemplos invocados. Com relação ao exemplo inscrito, ele dá sustentação ao conteúdo da conversa entre Phil e Vess, corroborando com os *juízos* nela inseridos.

Por fim, encontrei léxicos atitudinais relacionados a *juízo* associados a uma tendência observada por Phil e Vess sobre Ace, que é seu exibicionismo. Assim caracterizada, é possível perder as nuances de que tal tendência “exibicionista” dialogam com e retificam a desmedida genital de Ace, pondo nesses termos.

De acordo com Vess e Phil seria comedido da parte de Ace ser discreto com relação ao seu pênis, juízo que de certa forma confirma a apreciação reacional de Phil e constroem o caráter de Ace em relação a um senso de normalidade. Em *juízo*, *decência* (de *propriety*) tem relação restrita à ética no sentido mais estrito e não cabe ao processo que descrevo aqui. Há, no entanto, juízo negativo de decência nas duas ocorrências do termo *jealous*. Interessantemente, MARTIN e WHITE (2005, p.60) argumentam que *jealous* constrói simultaneamente afeto e juízo porque diz sobre uma reação emocional a um

comportamento que, no caso, aprovamos. Foge do escopo desta tese discutir os meandros da *atitude invocada* quando a pluralidade de tipificação pede do pesquisador uma desambiguação atitudinal. Qualquer questão que porventura seja, com toda razão, levantada a respeito de escolhas de desambiguação de tipificação e subtipificação do léxico atitudinal deve levar em conta minha posição tática de leitura, tal como disposta em *Appraisal*.

É relevante para o Trecho I perceber, no entanto, que as duas ocorrências de *jealous* marcam um pulo do singular pro coletivo no campo do avaliado, de Phil passa a significar os homens brancos no geral. É um movimento análogo ao atribuído ao pênis de Ace, representando, para Vess, uma tendência geral e coletiva dos negros de acordo com determinados pressupostos.

Com isso, analisar o léxico atitudinal de *juízo* desta passagem reafirma a relação de cotejamento estabelecida com estereótipos raciais. O encontro entre as opiniões de Phil e Vess com relação ao dote de Ace “unifica” simbolicamente a oposição assumidamente distintas entre Norte (Phil) e Sul (Vess), para dar lugar a uma interpretação racial mais abrangente de branquitude. Pode-se entender essa transferência precipitada como prenúncio da transferência completa que se dará quando Phil e Ace dão de cara com uma manifestação de racismo ainda mais perniciosa no Norte, quando fogem.

Mais que isso, no entanto, é central entender como a caracterização fálica de Ace e, por extensão, de “*Negroes*” funciona dentro do contexto de significação colonial e da racialização dos itens lexicais de *apreciação*. Encontra-se em, FANON (2008), que:

[...] [N]o plano genital, será que o branco que detesta o negro não é dominado por um sentimento de impotência ou de inferioridade sexual? Sendo o ideal de virilidade absoluto, não haveria aí um fenômeno de diminuição em relação ao negro, percebido como um símbolo fálico? O linchamento do negro não seria uma vingança sexual? Sabemos tudo o que as sevícias, as torturas, os murros, comportam de sexual. Basta reler algumas páginas do Marquês de Sade para nos convenceremos... A superioridade do negro é real? Todo o mundo sabe que não. Mas o importante não é isso. O pensamento pré-lógico do fóbico decidiu que é assim. (Fanon, 2008, p.139)

Ou a crítica em FANON (2018) é válida para a construção de Ace nesse trecho e, me adiantando, nos trechos seguintes; ou não apenas é válida como

também intencionalmente colocada, fazendo parte do efeito intentado pelo narrador, tendo em vista que *Peau Noire* foi publicado pela primeira vez em 1952.

Trecho II

Eu dei uma olhada no vestiário e vi o outro banco. Um macho negro e brilhante estava tirando suas calças "civis". Ele era tão negro que as luzes do lugar ficavam azuis quando refletiam sobre sua pele. Quando ele se movia, as luzes de cobalto líquido continuavam a fluir sobre o seu corpo negro brilhante. Os deltóides e bíceps eram grandes, redondas e protuberantes massas musculares poderosamente desenvolvidas. A cueca branca dividia seu corpo a ponto de quase cegar. Eu umedeci os lábios com a língua. [71]

[...]

O negro estava agora completamente nu. Minha boca estava muito seca. Ele era enorme — coxas enormes, pés longos, abdômen e costas rígidas e impetuosas. O tamanho de seu sexo era assustador. Todo o seu corpo brilhava, exceto a região pubiana, que terminava numa ponta lisa e descolorida, sem proeminências. [71]

[...]

— Você acha — eu disse — que aquele cara usa cueca para esconder o tamanho daquele troço? É um escândalo! ø

— Está com inveja? — disse Vess. E então riu. — O deles é bem maior que o nosso — ele disse. — Para dizer a verdade, acho que em parte é por causa disso que não gostamos deles — temos inveja do que eles têm. [71]

Tabela II

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
<i>macho</i>				+val	Ace
<i>negro</i>				+comp	Ace
<i>brilhante</i>				+reaç	Ace
<i>tão negro</i>				+reaç	Ace
<i>negro brilhante</i>				+val	corpo
<i>deltóides e bíceps</i>				t, +val	comp. muscular
<i>grandes</i>				+val	ombros e braços
<i>redondas</i>				+comp	ombros e braços
<i>protuberantes</i>				+comp	ombros e braços
<i>massas musculares</i>				+comp	ombros e braços
<i>poderosamente desenvolvidas</i>				+val	ombros e braços

<i>a ponto de quase cegar</i>			+reaç	cueca do Ace
<i>umedeci os lábios</i>		+des		Ace
<i>o negro</i>			+comp	Ace
<i>boca [...] seca</i>		+des		Ace
<i>enorme</i>			+val	Ace
<i>enormes</i>			+val	coxas
<i>longos</i>			+val	pés
<i>rígidas</i>			+comp	abdômen e costas
<i>impetuosas</i>			+val	abdômen e costas
<i>assustador</i>			+reaç	pênis
<i>brilhava</i>			+reaç	corpo
<i>lisa</i>			+comp	região pubiana
<i>descolorida</i>			—comp	região pubiana
<i>sem proeminências</i>			neg +comp	região pubiana
<i>o tamanho</i>	Phil”		+val	pênis
<i>troço</i>	Phil”		—val	pênis
<i>um escândalo</i>	Phil”	—norm		pênis
<i>inveja</i>	Vess”	—dec		Phil
<i>maior</i>	Vess”		+val	pênis (gener.) negro
<i>não gostamos</i>	Vess”	neg +des		negros
<i>temos inveja</i>	Vess”	—dec		brancos
<i>eles têm</i>	Vess”	+cap		negros

À textualização de Klebe se deve o cuidado de entender seu caráter simultaneamente independente e dependente com relação ao texto de Phil Andros. Sendo o Trecho II o primeiro excerto do texto de chegada, cabe fazer a seguinte observação: todas as orações presentes no texto de Klebe podem ser cotejadas diretamente com as construções sintáticas no texto de partida (MUNDAY, 2012). A relação pode ser colocada, em termos comparativos, como 1:1, um para um. Por esse motivo, a especulação teórica dos casos de omissões (∅) de passagens do texto de partida na retextualização de Klebe. Especificamente no Trecho II, temos a

omissão de ["*It's a scandal to the jaybirds,*" I said, using another Southern expression I'd picked up. Essa frase respectivamente reproduz um idiomatismo do Sul dos EUA e explica sua origem e relação com aquele que a usa, dito, a situação que Phil se encontra de aprendizado e assimilação. Klebe toma a liberdade de nos omitir essa informação já que a aclimatização do *idiom* para algum equivalente em português nos diria muito menos sobre o Sul dos EUA do que sobre o local de onde a expressão seria originária no universo lusófono. É, também, parte da liberdade maior tomada por ela ao restringir ao máximo os marcadores de variação linguística diatópicos presentes em sua retextualização, assunto tratado com maior afinco no Trecho V.

Inicialmente, gostaria de me ater ao uso da palavra *brilhante*. Quando na posição análoga de *coal-black* qualificando *Negro* no TP, *brilhante* qualifica *negro* com o mesmo atributo, porém de maneira diametralmente oposta. Invocada nessa primeira associação estão todas as subseqüentes afirmações de que Ace, por ser tão retinto, possui propriedades próprias à sua pele ao refletir a luz.

É imaginável que, das propriedades prismáticas do carvão, o brilho seja a última delas: se há certo reflexo no negro do carvão, é um reflexo refracionário, não luzente. Intencionalmente ou não, aqui a retextualização se esquia de uma comparação entre as características de Ace e objetos inanimados, optando por uma atribuição adjetiva.

A próxima ocorrência de *brilhante* acontece em articulação com *negro* pra avaliar o corpo de ace, avaliação esta que acontece no TP por meio de *shining black*. Em inglês, *shining* tem como contraparte *brilliant* para abranger o campo semântico que *brilhante* pode, confortavelmente, cobrir sozinho. Enquanto *to shine* se encarrega de denotar o ato de reluzir ou emanar luz enquanto fenômeno ótico, *to be brilliant* e os qualitativos derivados desse atributo denotam o tipo alegórico de luz "iluminista" que diz respeito à capacidade intelectual ou criativa. Diz-se sobre algo ou alguém *brilhante* de acordo com um sistema de valoração que responde muito mais ao nível das ideias do que o da fenomenologia natural.

Tal efeito é especialmente notável na primeira ocorrência, já que *brilhante* aparece coordenado com *negro* por meio de uma conjunção aditiva. O efeito é indicar certo nível de independência entre uma avaliação e outra, apesar de terem o mesmo avaliado. Ainda nessa ocorrência, *macho* tem uma proximidade maior de *negro* que *brilhante* tem de ambos os léxicos por não ser organizado

coordenativamente. É uma escolha de fato sutil e qualquer consequência de efeito semântico que for porventura encontrada nesse exemplo cai num nível de subjetividade intenso demais para os propósitos deste trabalho. O que, no entanto, destacar essas ocorrências proporcionam é a percepção de um movimento geral intentado por Klebe na retextualização desses itens.

É de importância apontar aqui uma perda semântica na transposição de *buck* para *macho*. Em *buck* temos um índice de *racialidade* para além daquele de masculinidade notado e adotado por Klebe, aferível por meio do contexto cultural e de época mas também em reiterados e repetitivos usos ao longo da narrativa. O mesmo fenômeno é notado para as palavras *spade* e, de maneira mais sutil e conotativa (por sua relação etimológica com *buck*) *stag*.

Outra disposição chave no texto de Klebe é a passagem que tem a região pubiana de Ace como avaliado pelos itens lexicais de *apreciação*. Enquanto no TP de Andros os composicionais *flat* e *dull* descrevem o que eu posso especificar com propriedade como a natureza *matte* ou fosca da pele genital de Ace, em oposição à reiterada qualidade lustrosa e *glacé* do resto do seu corpo. Relação essa reiterada no TP pelo uso da negativa (neg) *without* com *highlights*, apreciação essa que se correlata com as amplamente usadas versões de avaliatividade relacionadas a efeitos de luz (*reflected, shining, flickering, glistened*). Na retextualização de Klebe, diferentemente, *flat* e *without highlights* são interpretados a partir da chave “volumétrica” estabelecida pela *valoração* dos atributos musculares de Ace (*powerfully developed, enormous, massive*), gerando, em sua versão *lisa* e *sem proeminências*. *Dull* se mantém no mesmo campo semântico em *descolorida* apesar de, em isolado e sem a precisão que os outros itens avaliativos conferem à primeira palavra, o significado de partida é de difícil recuperação.

Esse tipo de avaliação que faço aqui possui o caráter polêmico de possivelmente insinuar que a subjugação da retextualização pelos significados inscritos no texto de partida conferem à tradução estima e prestígio por si só. Defendo não ser o caso. O que se nota aqui, diferente disso, é uma perda de sentido funcional no texto traduzido com relação a significados erroneamente atribuídos ao texto de partida.

Como consequência dessas escolhas (MUNDAY, 2012) feitas por Klebe, em específico nessa passagem, o significado do texto fica comprometido *principalmente* como um objeto independente. Um leitor do texto de 1998 teria dificuldades de

encontrar nesse excerto um direcionamento a algo aferível por sua experiência. É digno de questionamento como uma parte do corpo pode ser ao mesmo tempo *avaliada* positivamente por seu tamanho *assustador* e *negativamente* pela falta de *proeminências* pelo mesmo avaliador. Ainda mais porque *proeminências* ecoa e insinua relação com *protuberantes*, usada, por sua vez, na qualificação dos deltóides e bíceps que compõem a apreciação da figura muscular de Ace por esse viés “volumétrico”. Dentro do campo semântico de volume e tamanho, o “sexo” de Ace não pode ser caracterizado senão *positivamente*, sob o perigo de entrar em conflito com toda a estruturação simbólica.

Em ambas as textualizações *deltoids and biceps* e *deltóides e bíceps* são tokens *apreciativos*, ou seja, são invocados, porque, no contexto de composição corporal, sua nomeação específica implica que suas formas sejam definidas e isoladas o suficiente de “ombro” ou “braço”. A presença de tais nomenclaturas é a denúncia de uma condição de existência específica, nesse caso sua hipertrofia. Embora “sexo” e *região pubiana* sejam ligeiramente diferentes objetos de avaliação, pode-se argumentar que quando o tema é a região genital eufemismos e metonímia são empregadas por ambos Andros e, em menor medida, Klebe. O mesmo não se aplica a ombros e braços, que, quando estilizados, encontram metáforas extracorpóreas.

Quanto aos itens de avaliabilidade do tipo *apreciação*, de modo geral, subtipificações composicionais e de valoração me pareceram adquirir maior arbitrariedade em relação à categorização usada na Tabela II. Em parte creio que a composição semântica do texto de Klebe não segue um direcionamento estético tão rígido quanto o de Andros no que diz respeito à continuação de alegorias e metáforas, a exemplo das incongruências apresentadas acima. Apreciações do subtipo *reação* não foram afetadas por isso, além do surgimento de maiores ocorrências por meio do item lexical *brilhante*.

No campo das atitudes de julgamento, algumas mudanças (MUNDAY, 2012) ocorrem sem que necessariamente expressem qualquer tendência notável ou geradora de significação *proposital* coerente. Meu grifo em *proposital*, portanto, e me adianto, pretende indicar a recorrência desse tema.

You'd think no TP não encontra equivalente atitudinal na retextualização, tendo sido adaptado para *você acha*. No TP o tom construído pela contração do modal *would* coloca a indagação de Phil para Vess no contexto de uma expectativa

geral não-direcionada. O que se constrói é a ideia de um saber comum, ideia que se segue trabalhada explicitamente no discurso, portanto *you'd think* cumpre função vocativa com Vess e *atitudinal* com Ace.

Quando referido a alguém, ou melhor, tendo alguém como Avaliado, esse dito exerce uma reprimenda social típica do *juízo negativo de normalidade*. Equivalentes em português poderiam ser “se eu fosse ele/a/u...”, “é de se pensar que...” ou “geralmente as pessoas...”. A escolha feita por Klebe transforma esse artifício, tipicamente retórico, em uma pergunta direta de Phil a Vess, com *você acha*. Em discurso falado, *você acha* pode muito bem carregar as implicações semânticas contidas acima, a depender da entonação. Talvez tenha sido essa a intenção, manter o sentido implicando um tipo específico de entonação. Mas a ausência de marcadores gráficos de tom como itálicos ou de maior explicitação na narração acompanhante do discurso direto (no caso, resumida em *eu disse*), minam esse efeito.

Os itens avaliativos de *afeto* na Tabela II reproduzem fielmente os dispostos na Tabela I, assim como suas subtipificações.

As temáticas levantadas por esta primeira análise servem de referência para as próximas a fim de não tornar o trabalho exaustivo. A saber: *itens composicionais e reacionais racializados* e a *valoração* de atributos físicos, que, por sua vez, podem ser interpretados como uma evocação a estereótipos raciais. Ambos processos contribuem para o argumento que faço de que o conceito de *raceplay* é chaval para a dinâmica do narrador com esse personagem.

4.2. Análise II

Nos trechos III e VI temos descrita a cena do primeiro contato “oficial” entre Phil e Ace. Anterior a isso na narrativa é estabelecido o desejo do primeiro pelo segundo. Na lacuna deixada por mim pelo recorte dessas passagens específicas é estabelecida a disponibilidade hipotética do segundo pelo primeiro. Vess comenta sobre a orientação sexual de Ace e sua possível bissexualidade. Como consequência, se seguem estratégias da concretização do desejo pela exploração dessa possibilidade. Então se dá se dá fruição a esse planejamento.

Os trechos V e VI que continuam a análise já se dão no contexto do relacionamento sexual de Phil e Ace. Assim como os VII e VIII que fecham este bloco de análise.

Trecho III

He had just taken off his white jacket and I had a whiff of him — musky, healthy, a sexual odor from all his pores that the dainty violet deodorant for his underarms could not kill or mask. He had a kind of sleepy eyelid that was both inviting and dangerous at the same time.

"Okay, man," he said and began to unbutton his trousers. I tarried, watching the muscular heavy black fingers dig into the white duck for the buttons of his fly.

"Man, you sure got some built there," I said.

He grinned and flexed his arm. The muscles seemed ready to jump through the black skin. But he said nothing except "Yeah, thanks." [85]

Tabela III

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
<i>had a whiff</i>		t, +des			Ace
<i>musky</i>				+val	A's odor
<i>healthy</i>				+val	A's odor
<i>sexual</i>				+val	A's odor
<i>dainty</i>				−val	deodorant
<i>could not [...]</i>			neg +cap		deodorant
<i>kind of sleepy</i>				t, +reaç	A's eyelid
<i>inviting</i>				+reaç	A's eyelid
<i>dangerous</i>				−reaç	A's eyelid
<i>tarried</i>			−res		Phil himself
<i>watching</i>		+des			A's fingers

<i>muscular</i>			+val	A's fingers
<i>heavy</i>			+val	A's fingers
<i>black</i>			+comp	A's fingers
<i>you sure</i>	Phil"		t, +cap	Ace
<i>some built</i>	Phil"		+val	Ace
<i>grinned</i>	Ace	+sat		Phil
<i>flexed his arm</i>	Ace	t, +sat		Phil
<i>ready to jump</i>			+reaç	A's biceps
<i>black</i>			+comp	A's skin
<i>said nothing</i>			t, -res	Ace

O trecho inicia pela listagem de apreciações positivas da “cepa” valoração, caracterizando os cheiros naturais de Ace de acordo com a lógica hiper-viril e supermasculina. As constatações de NKOZI (2014) com relação às expectativas que são lançadas ao corpo negro masculino se concretizam mais uma vez. O contraste entre essas realizações e a valoração negativa do cheiro do desodorante usado por Ace é metaforizado num *juízo* atitudinal *de capacidade*. O embate de aromas, *musky*, *healthy* e *sexual* versus *dainty* tem como resultado o fracasso da potência desse último, não à toa sendo o atributo *efeminado* entre eles. Nesse conjunto de atitudes se encontra o microcosmo de disputas reiteradas.

É possível notar no capítulo seguinte o desenvolvimento dessa ideia de masculinidade competitiva e compensatória. Como é desenvolvido nos trabalhos de RODRIGUES-JÚNIOR (2009; 2010), Ace, que se resguarda na masculinidade como paliativo para a privação dos seus direitos e geral dificuldade de navegação, é emasculado ao depender de seu parceiro, que desempenha um papel afeminado na dinâmica interna do casal. É sintomal, então, que esse processo se manifeste no que há de mais anódino na construção do personagem Ace.

O que se segue a isso é mais uma descrição de Ace pelo viés erótico. A evocação animalística do odor *natural*, remetendo vagamente à ideia dos feromônios reprodutivos (NKOSI, 2014), tem continuação na descrição do olhar. *Sleepy eyelid* pode, com um grau alto de plausibilidade, ser caracterizado como um *composicional* de racialização. Mas para além disso, nesse parágrafo, compõe com *inviting* e *dangerous* uma tensão entre desejo e voracidade. Dos predadores, espera-se o semicerrar de olhos que caracteriza o foco e o cálculo. Esse simbólico é

transportado de volta ao campo “humano” de negociação erótica pelos índices de animalidade já estabelecidos pelos índices de virilidade. O masculino e viril caça, o efeminado e receptivo é caçado. Tão o é que para caracterizar a pausa no diálogo, Phil usa o verbo *to tarry*²². No Trecho XI, retirado do capítulo seguinte, *sleepy eyelid* é reiterada e complementada por *heavy-lidded*.

Valorações “musculares” e “volumétricas” se repetem, agora transitivamente, quando Phil deixa Ace saber sua apreciação, comedidamente. O que se segue são as primeiras atitudes inscritas a Ace que dialogam diretamente com o desejo de Phil. O iniciador do movimento de flexionar os braços é o interesse do observador de os ver, ao menos nesse caso. *Said nothing* denuncia determinadas expectativas de Phil quanto ao nível de respostas de Ace, que a esse ponto da história permanecem no campo maior do desinteresse.

Trecho IV

Ele tinha acabado de tirar a jaqueta e eu pude ter uma amostra de seu cheiro — masculino, saudável, um odor sexual vindo de todos os poros que o escrupuloso desodorante de violeta em suas axilas não podia matar ou mascarar. Ele tinha um olhar sonolento que era ao mesmo tempo convidativo e perigoso.

— Ok, cara — ele disse, começando a desabotoar as calças.

Eu fiquei parado, olhando para os dedos negros e grossos enfiados na fileira branca de botões de sua braguilha.

— Cara, você tem mesmo um corpão — eu disse.

Ele sorriu e dobrou o braço. Os músculos pareciam prontos para saltar da pele escura. Mas ele não disse nada além de — É, obrigado. [72]

Tabela IV

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
<i>ter uma amostra</i>		t, +des			cheiro
<i>masculino</i>				+val	odor
<i>saudável</i>				+val	odor
<i>sexual</i>				+val	odor
<i>escrupuloso</i>			+dec		desodorante
<i>não [...] matar ou mascarar</i>			neg +cap		desodorante

²² Marriam-Webster: 1a: to delay or be tardy in acting or doing. 1b: to linger in expectation, wait. 2: to abide or stay in or at a place. Cambridge: 1: to stay somewhere for longer than expected and delay leaving 2: to stay somewhere longer than you should.

<i>sonolento</i>			+comp	olhar
<i>convidativo</i>			+reaç	olhar
<i>perigoso</i>			–reaç	olhar
<i>fiquei parado</i>		t, +des		Ace
<i>olhando</i>		+des		dedos
<i>negros</i>			+comp	dedos
<i>grossos</i>			+val	dedos
<i>um corpão</i>	Phil"		+val	Ace
<i>sorriu</i>	Ace	+sat		Phil
<i>prontos para saltar</i>			+reaç	músculos
<i>escura</i>			+comp	pele
<i>não disse nada</i>			–res	Ace

Em um primeiro momento, poucas mudanças são notáveis nesse trecho em relação ao anterior, seu equivalente no texto de partida. Quanto à disposição dos valores dos aromas de Ace em oposição ao do desodorante, *escrupuloso* não se encaixa na dinâmica pretendida por Andros com *dainty*. Se a escolha (MUNDAY, 2012) de Klebe interfere com as dinâmicas maiores é inconclusivo, mas pode-se argumentar sobre um nível de sensibilidade e de ecoação temática que não se encontra presente no texto traduzido.

Pontualmente, *sonolento* perde sutileza ao intensificar o significado ao omitir *kind of*. *Dobrou o braço* não se encontra na tabela porque ao contrário de *flexed his arms*, não há invocação de *atitude*.

Trecho V

I nuzzled around in his armpit some more, and he growled in his most Southern accent, "Y'know, mofo— you-all not a bad guy foah a whitey bastard. Ah likes you 'counta Ah finally done found one dat fits me."

"Chee, t'anks," I said, muffled under his great black arm. He tightened the pressure a little.

"You-all got a good built on you," he went on. "An' hair" — he pulled at my chest, and then farther down. I yelped — "in all de right places. 'Couse, Ah cain't hardly stand the way you-all smells," he said. "You-all got dat dirty whitey stink to you."

"More you wash the worse it gets," I said.

"Yeah, you're right." Suddenly he snapped his huge black fingers.

[95]

[...]

He turned over on his back. I closed my mouth over the great black nipple that was nearer to me. He made a little sound of pleasure.

More than that," he said. My ear was flat against his chest, and I heard the hollow heavy resonance of the words deep within the secret caverns of his body where sounds were born. It was startling and a little terrifying . I raised my head. [...] [96]

[...] Against the pale night square of the window his body was black and monolithic and gleaming. And all of a sudden I felt a great welling up of love or lust or desire or all of them together within me, the same emotion perhaps that turned the shy and sheltered Desdemona into a woman determined to have a black romantic lover named Othello. [97]

I slid my fingers over his great smooth velvet shoulder and traced down the deep ridged valley of his spine with my fingers. Then I lowered my face to his and felt my own poor mouth engulfed by the thick purple-black lips that drew me inwards until I felt that they would suck my soul out of my body. [98]

Tabela V

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
nuzzled		t, +des			A's armpit
growled		+sat			Ace
not a bad guy	Ace"		+dec		Phil
foah a whitey bastard	Ace"		-dec		Phil
Ah likes you	Ace"	+des			Phil
finally done found	Ace"	+sat			Phil
fits me	Ace"			+reaç	Phil
[Chee, t'anks]	Phil"	+sat			Ace
muffled			-cap		Phil's voice
great				+val	A's arm
black				+comp	A's arm
a good built	Ace"			+val	Phil
yelped		t, +des			Ace
all de right places	Ace"			+comp	Phil's bodyhair
cain't hardly stand	Ace"	-des			Phil's smell
the way you-all smells	Ace"			-val	Phil's smell
dirty whitey stink	Ace"			-val	Phil's smell
the worse it gets	Phil"			-val	Phil's smell
Yeah, you're right	Ace"		+ver		Phil

huge			+val	A's fingers
black			+comp	A's fingers
great			+val	A's nipple
black			+comp	A's nipple
little sound of pleasure	Ace	+sat		Phil
hollow			−reaç	A's voice
heavy			+reaç	A's voice
startling			+reaç	A's voice
little terrifying			−reaç	A's voice
black			+comp	A's body
monolithic			+comp	A's body
gleaming			+reaç	A's body
great welling up		t, +des		Phil's feelings
love		+des		Ace
lust		+des		Ace
desire		+des		Ace
shy			−res	Desdemona
sheltered			−res	Desdemona
determined			+res	Desdemona
to have		t, +des		Desdemona
black			+comp	Othelo
romantic lover			+comp	Othelo
great			+val	A's shoulder
smooth			+reaç	A's shoulder
velvet			+comp	A's shoulder
deep			+comp	A's spine
ridged			+comp	A's spine
felt [...] engulfed		t, +des		Ace
own poor			−cap	Phil's mouth
thick			+val	A's lips
purple-black			+comp	A's lips
drew inwards	Ace	t, +des		Phil
suck my soul	Ace	t, +des		Phil

Aqui, notavelmente, há a intensificação do *raceplay*. A escalação aguda de intensidade entre os trechos anteriores e o atual diz respeito à estabilização da relação entre eles. Descobre-se então que não só Ace é conivente com o enquadramento de sua sexualidade e beleza dentro dos signos do *raceplay*, mas é ele, também, agente construtivo nessa dinâmica.

Explora-se isso da seguinte forma: até agora os conteúdos *atitudinais* relacionados a Ace, racializados ou não, se demonstram *positivos*. Com exceção às apreciações do subtipo *reação*, que dizem *sobre Ace através* de Phil e suas querelas de desapoderamento e subjugação erótica.

Essa estruturação mais textualizações explícitas ao longo do texto encaminham o sentido de leitura a entender que a atração que Phil sente por Ace é *orgânica* e *natural*. É legível e é também minha argumentação que essa atração é racialmente motivada, mas essa motivação é naturalizada. Subentende-se, desde a conversa entre Phil e Vess: *eles são realmente assim, os negros (NKOSI, 2014)*. E Phil se interessa por aquilo que Ace é pelo sintoma mais que natural de um homem que se interessar pela masculinidade, o clichê do bissexual-ativo contribui a isso. Atributos enquadrados numa perspectiva penetrativa complementar, másculo-efeminado, penetrativo-receptivo, dominador-submisso, etc.

Esse encadeamento funciona para justificar o interesse de Phil. Mas para Ace, pra além disso, é preciso adicionar um índice de fetichização no seu desejo para que a atração que ele sente por Phil se complete. Pois, ao descrevê-lo, Ace faz uso de léxicos atitudinais de *avaliação negativa*. Senão no contato com características que, pela disposição genérica, significam atratividade erótica, explicitada pelo uso *positivo* de *avaliatividade*, como se dá o desejo de Ace? De avaliação positiva de Ace sobre Phil²³ temos apenas *a good built*.

A subversão erótica dos valores coloniais escravistas na suplantação de Phil enquanto figura superior é o que confere à essa dinâmica o seu contingente de *tabu* e erotismo. A fantasia que é anunciada tem, como pano-de-fundo, o estado “atual” do racismo pós-segregação. Tendo em vista essa dinâmica, a frase *Ah finally done found one dat fits me* diz sobre o suposto “encaixe” metafórico dessa

²³ Encaro *you-all* não como a ortografia que Andros emprega para *y'all*, mas como uma variante fonética. Coloquialmente, *y'all* se refere na segunda pessoa no plural, o que, assim como Klebe, não creio ser o caso. Contudo, há espaço para outras interpretações.

relação complementar. E, nesse mesmo sentido, *an' hair in all de right places*, é outro índice dessa complementaridade, já que a descrição de Ace indica que ele não tem pelos, exceto os pubianos, ao contrário de Phil.

O caráter interracial do relacionamento deles e seu motif erótico/relacional perpassa por Phil se submetendo a Ace a partir da dinâmica dominante e submisso, como explorado em RODRIGUES-JÚNIOR (2010).

Partindo dos *marcadores específicos* relacionados ao *raceplay*, tons de pele, fenótipos, associações culturais, estereótipos etc, ambos os agentes dialogam com uma *tradição* por meio de sua negação explícita. É estabelecido um jogo com o avesso do habitual, dado, a inferioridade negra pelo racismo colonial e supremacia branca, por um fantástico representado pelos atributos físicos e psíquicos de Ace. No campo específico dessa *apreciação guei*, ou de outra forma, *homorientada*, é que os atributos associados ao corpo supostamente bruto e selvagem ganham primazia na sua recontextualização *musculosa* e *máscula*, respectivamente. Enquanto um ser supostamente selvagem, Ace carrega atributos de uma masculinidade animalística e fantasiosa. Enquanto um corpo bruto, sua composição física é superior no contato com um ideal hipertrofiado. É possível argumentar, portanto, que o *olhar* de Phil, dentro do que é discutido aqui, seja justamente aquilo que o torna apto e diferenciado para Ace. Ou seja, pela complacência mútua e cumplicidade diante tais marcadores.

De passagem, o uso da figura de Desdêmona, de *A Tragédia de Otelo*, o *Mouro de Veneza* como analogia à situação de transposição de impossibilidades pode servir de chave alegórica. Sendo essa a segunda vez que Ace é associado textualmente à figura de Otelo. Analisar exaustivamente como o narrador usa a peça de Shakespeare para ecoar a própria experiência valeria à presente pesquisa um arcabouço teórico e objetivos que a transcendem.

É relevante aqui, no entanto, apontar que Otelo é possivelmente o texto sobre interracialidade por excelência. Ao se equiparar à Desdêmona a partir do sentimento que sente por Ace, Phil dá abertura à interpretação do arco dos dois contos sobre o tema a partir das lentes da tragédia clássica. Simultaneamente elevando os sentimentos descritos por ele na apreciação de *afeto*, transpondo-os a um gênero de prestígio, e revela o olhar pelo qual o narrador interpreta o seu envolvimento na dinâmica de *raceplay*. A primeira parte desse processo ressignifica

a conclusão dos contos, a segunda estabelece a existência de certo *heroísmo* e *ventura* na quebra do distanciamento racial pós-segregação representado pela relação deles, uma ação interpretada por Phil e centrada no movimento e volição da parte branca.

Trecho VI

Eu funguei em sua axila mais um pouco e ele sussurrou no seu melhor sotaque sulista:

— Sabe, cara, você até que não é nada mau para um branquelo. Gosto de você. Finalmente encontrei alguém que me completa.

— Nossa, obrigado — eu disse, inaudível sob seu grande braço negro. Ele aumentou um pouco a pressão.

— Você tem um belo corpo — continuou ele. — E o cabelo — ele puxou os pêlos do meu peito e depois mais abaixo. Eu gritei. — nos lugares certinhos. É claro que eu não aguento muito o cheiro de vocês, ele disse. Vocês todos têm este fedor branquelo impregnado.

— Quanto mais se lava pior fica — eu disse.

— Sim, você tem razão.

De repente ele estalou seus dedos negros e enormes. [80]

[...]

Ele se deitou de costas. Eu fechei minha boca sobre o grande bico do peito negro que estava mais próximo de mim. Ele fez um pequeno som de prazer.

— Mais que isso — ele disse.

Meu ouvido estava achatado sobre o seu peito e eu podia ouvir a ressonância de suas palavras no fundo das cavernas secretas de seu corpo, onde nasciam os sons. Era perturbador e um pouco aterrorizante. Eu ergui a cabeça. [81]

[...]

Contra o pálido quadrado noturno da janela seu corpo era negro monolítico e radiante. E de repente senti emergir em mim uma onda de amor e lascívia, ou desejo ou todos eles juntos, a mesma emoção, talvez, que fez com que a tímida e recatada Desdêmona se transformasse numa mulher determinada a ter um amante negro e romântico chamado Otelo.

Eu deslizei minha mão sobre o seu grande e aveludado ombro negro e tracei com meus dedos o profundo vale da sua espinha. Então baixei minha cabeça em direção à sua e senti minha pobre boca ser engolida pelos lábios abundantes de cor púrpura que me exploravam por dentro até eu sentir que elas *[sic]* poderiam sugar minha alma para fora do corpo. [82]

Tabela VI

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
funguei		t, +des			axila
sussurrou		t, +des			Ace
melhor			+cap		sotaque

				sulista
não é nada mau	Ace"		+dec	Phil
para um branquelo	Ace"		—dec	Phil
gosto de você	Ace"	+des		Phil
finalmente encontrei	Ace"	+sat		Phil
me completa	Ace"	+des		Phil
[Nossa, obrigado]	Phil"	t, +sat		Ace
inaudível			t, —cap	voz de Phil
grande				+val braço
negro				+comp braço
belo corpo	Ace"			+val Phil
gritei		+sat		estímulo
nos lugares certinhos	Ace"			+comp pelos do Phil
não aguento muito	Ace"	—des		o cheiro do Phil
fedor branquelo	Ace"		—dec	o cheiro do Phil
mais se lava pior fica	Phil"		—dec	o cheiro do Phil
tem razão	Ace"		+ver	Phil
negros				+comp dedos
enormes				+val dedos
grande				+val "bico do peito"
negro				+comp "bico do peito"
pequeno som de prazer		+sat		Ace
perturbador				—reaç voz
aterrorizante				—reaç voz
negro monolítico				+val corpo
radiante				+reaç corpo
senti emergir		t, +des		sentimentos por Ace
amor		+des		Ace
lascívia		+des		Ace
desejo		+des		Ace
tímida			—res	Desdêmona

recatada		—res	Desdêmona
determinada		+res	Desdêmona
a ter	t, +des		Desdêmona
amante negro		+comp	Otelo
romântico		+cap	Otelo
grande		+val	ombro
aveludado		+reaç	ombro
negro		+comp	ombro
profundo vale		+comp	espinha
senti [...] engolida	t, +des		boca de Phil
minha pobre		—cap	boca de Phil
abundantes		+val	lábios
de cor púrpura		+comp	lábios
exploravam por dentro	t, +des		lábios
sugar minha alma	t, +des		lábios

O Trecho IV marca uma série de escolhas tradutórias de Klebe que evidenciam mudanças pontuais na construção da dinâmica dos personagens a partir de usos de linguagem. As divergências específicas ao desejo positivo nesse caso tipifica, num nível mais sofisticado de análise, apreço.

No TP a expressão *most Southern accent*, sendo *most* um intensificador, tem materialidade na narrativa a partir da emulação que faz Andros da escrita fonética de tal sotaque. O mesmo não ocorre na textualização de Klebe, como dito anteriormente não há “sotaque” nas falas marcadas no TP. A tradutora ainda escolhe (MUNDAY, 2012) a frase *melhor sotaque sulista*, onde *melhor*, diferentemente de *most*, cumpre função qualificadora, sendo *juízo de capacidade positivo* ou, possivelmente, *valoração positiva*.

Fits por completa é uma mudança também notável, há um escalamento de gradação. No TP essa suposição de “encaixe” é direcionada ao entendimento de que Phil “serve” para Ace, que é o suficiente nesse sentido. No TT, entretanto, essa dimensão é extrapolada ao campo da “completude” e do “fulfillment”, entendimento esse que entra em conflito direto com a caracterização da dinâmica de subjugação

de Phil dentro do *raceplay*. Se Ace realmente sente o nível de distanciamento emocional necessário para julgar seu parceiro a partir de prerrogativas utilitárias é desimportante visto que a vida íntima do personagem é inacessível para a narrativa. O que importa é que seu papel dominante e superior na relação se beneficia de tal performance e é inferível que em passagens como essa dos textos a intenção é esta.

A isso segue uma série de simplificações. No TP *resonance* tem *hollow* (–) e *heavy* (+) como *reações* que qualificam a voz de Ace, mais uma vez no limítrofe entre extremos. No TT, *ressonância* não recebe qualificativos. As *reações* consecutivas são *perturbador* (–) e *aterrorizante* (–), que argumento serem versões menos complexas que as do TP, *startling* (+) e *little terrifying* (–). Como é possível perceber pela *orientação* das reações colocadas aqui entre parênteses. É perceptível que Andros joga com a ambivalência entre desejo e medo que são a consequência do desapoderamento erótico de Phil diante do parceiro, por isso o *mood* ambivalente. Aqui se entende que, apesar de eroticamente satisfeito pela posição que representa, esse lugar é vulnerável e portanto desconfortável. Ao compasso de que essa espécie de disfuncionalidade é o ponto de partida do erotismo, ela é contingente e incômoda. Os duplos também servem para caracterizar Ace, intencionalmente ou não, simultaneamente “de acordo” e “de encontro” aos estereótipos que são lançados a ele. É perceptível um jogo de dois atores, a performance de Ace e a projeção de Phil.

Ao retextualizar a menção que Phil faz a Desdêmona, a *apreciação composicional black romantic lover* passa por uma adição ao se tornar *amante negro e romântico*. No TP, Phil-narrador avalia Otelo primeiro pela semelhança que tem com Ace, explicitando a relevância da analogia, e depois por sua relação com a personagem shakespeariana citada. Portanto, nesse sentido, *romantic lover* designa uma coisa apenas, sendo a qualidade da relação, a saber “amor romântico”. No TT Klebe reconstrói a frase, caracterizando Otelo como uma pessoa de características românticas, tal qual alguém dedicadamente apaixonado. Por extensão, ao fluir da analogia, e em contato com a mudança analisada em *fits para completa*, o TT se direciona para reimaginar Ace por outra lente afetiva que o TP.

Contudo, no que diz respeito à *apreciação racialmente motivada* de Ace, o Trecho VI mantém os marcadores de sua contraparte Trecho V. Ainda se percebe a tipificação *composicional* nas características explicitamente raciais ou fenotípicas

enquanto características estereotipicamente masculinas são *valoradas positivamente* enquanto implicam, também, uma motivação racial.

4.3. Análise III

No Capítulo 6, Ace e Phil estão dividindo apartamento em um bairro de Chicago que, apesar de não ter passado pelas implicações históricas das leis de segregação do Sul, é reservado a racializados²⁴ e imigrantes. Narrativamente, o imediatismo romântico e volátil da fuga é substituído pela banalidade rotineira do racismo que insuspeitamente os acompanhou caminho Norte. Ace não consegue programas e, por isso, passa a depender financeiramente de Phil. Este, por sua vez, assume um papel cada vez mais apassivado e pacificador na relação, se deixando dominar pela agressividade que Ace performa de maneira compensatória. O que se demonstra é uma intensificação da relação D/s para além da performance estritamente sexual, Ace se torna controlador, possessivo e tece quadros persecutórios e paranóicos sobre a possibilidade de ser abandonado por Phil, constantemente suspeitando que está sendo substituído amorosamente por seus clientes brancos.

Os trechos selecionados para essa última análise são dos capítulos 6 do texto de partida e tradução. Mais uma vez os trechos dizem respeito à descrição física e psicológica de Ace a partir da relação que mantém com Phil, o narrador. Faço aqui uma análise de menor fôlego, dando centralidade ao conteúdo apreciativo tabelado no processo da minha pesquisa. É notável a continuidade do uso de *apreciações racialmente motivadas* mesmo com o quão avançados estamos no curso da narrativa.

Trecho VII

Ace was lying on the bed, naked, and fingering himself lazily. He turned his handsome black face toward me and smiled briefly, a kind of stage smile without any meaning behind it. "Why not?" he said, and there was an edge of bitterness in his tone. "It's all yours in the first place." He drew one knee up, the one next to the wall. The little reading lamp beside the bed cast a grotesque shadow of his sex against the flowered wallpaper, enlarging it to Olympian size. [101]

Tabela VII

²⁴ Termo usado por nós aqui e em todas as suas reincidências de acordo com a definição explorada por SILVÉRIO (2013).

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
lazily		t, +des			Ace
handsome				+val	A's face
black				+comp	A's face
smiled briefly	Ace	+sat			Phil
stage smile			—ver		Ace
without meaning			neg +ver		A's smile
edge of bitterness				—reaç	A's tone
grotesque				t, +val	A's sex shadow
against the flowered			t, —norm		A's sex shadow
Olympian				+val	A's sex shadow

Trecho VIII

Ace estava deitado na cama, manipulando-se, indolente. Ele virou seu belo rosto negro em minha direção e sorriu brevemente, um tipo de sorriso superficial sem nenhuma verdadeira intenção por trás.

— Por que não? — ele disse. Havia uma ponta de amargura no seu tom de voz. — É tudo seu mesmo.

Ele ergueu um joelho, o mais próximo à parede. O pequeno abajur ao lado da cama formou um sombra grotesca de seu sexo contra o papel de parede florido, deixando-o com um tamanho olímpico. [85]

Tabela VIII

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
indolente			—res		Ace
belo				+val	rosto
negro				+comp	rosto
sorriu brevemente		+sat			Ace
sorriso superficial			—ver		Ace
sem nenhuma verdadeira intenção			neg +ver		Ace
ponta de amargura		—des			Ace
grotesca				—comp	sombra do sexo
contra o [...] florido			t, —norm		sombra do sexo
olímpico				+val	sombra do

Trechos VII e VIII são particularmente relevantes a como a valoração positiva de características associadas à performance de masculinidade são, de uma maneira ou outra, relacionadas às expectativas raciais estereotipadas. Vale apontar que *grotesque*, apesar de ter uma orientação comumente *negativa*, também pode significar algo que é impressionante por sua estranheza ou fantástico em sua forma ou feitos. Portanto, ao se tratar do pênis, o significado é invocadamente *positivo*. Invocação, cabe afirmar, por referências contextuais. Que o pênis seja assustador, intimidante, certa-feita fascinante pois repugnante, excepcional pois exótico, não-belo pois grande demais, etc. Também é possível fazer paralelos com o estilo de arte decorativa de mesmo nome. A sombra como magnificação sobre-humana é o lugar onde explorar as características mais proeminentes e distorcidas, onde Andros escolhe aumentar ainda mais o objeto. O contraste com o papel-de-parede florido, na narrativa, bem explicitamente, é um contraste com a delicadeza.

Trecho IX

Licking around Ace's huge obsidian form, even that colossus of black marble would suddenly in its armpits or groin or crotch lose its own private stimulating smell, and begin to put out a miasma of cooked cabbage. [103]

Tabela IX

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
huge				+val	A's shape
obsidian				+comp	A's shape
colossus				+val	Ace
black marble				+comp	Ace
private				+comp	A's smell
stimulating				+reaç	A's smell
smell				+comp	A's smell
miasma				-comp	of cabbage

Trecho X

Ao lamber as formas negras como âmbar de Ace, eu percebia que até mesmo aquele colosso de mármore preto estava perdendo o seu cheiro característico e estimulante das axilas, virilha e pau e começando de repente a exalar um vapor envenenado de repolho cozido. [86]

Tabela X

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
negras				+comp	formas
como âmbar				+comp	formas
colosso				+val	Ace
mármore preto				+comp	Ace
característico				+comp	cheiro
estimulante				+reaç	cheiro
vapor envenenado				—comp	cheiro do apartamento

Me deterei às nuances da subtipificação um momento a mais. Considero que em *obsidian* para além da *atitude inscrita* há a *atitude invocada* de *julgamento negativo* no subtipo de *normalidade*. Reiterando minha posição tática com relação à leitura que tenho do texto de Andros, para a análise da *invocação avaliativa*, coloco que a relação comparativa entre a cor do carvão e a pele retinta de Ace *invoca* o *token* ideacional do estranhamento. Assim como o uso de *coal-black* para o mesmo fim no Trecho I, *obsidian*, *black marble*, são materiais que por um floreio artístico metafórico extrapolam as qualidades de Ace. Ao colocar que Ace é preto, esses materiais reforçam a saturação máxima dessa ideia. Ao colocar que o corpo de Ace é rígido, esculpido, musculoso, esses materiais reforçam a densidade máxima dessa ideia. Se trata, portanto, no sentido mais neutro em termos de juízo de valor que essa palavra pode ter, de estereotipificação.

Âmbar, no TT, não tem o mesmo valor, pelo menos do que se refere às analogias cromáticas. É conhecimento de que o âmbar não chega a ser mais escuro que um laranja profundo e a cor âmbar, quando nomeada assim, é marrom.

Trecho XI

"Man, you're a good-lookin' stud," I said. "I hate to leave you for that old fruit over there." [104]
[...]

He looked up at me with that sleepy heavy-lidded sexual look that always turned my resolution to water. [104]

Tabela XI

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
good-lookin'	Phil"			+val	Ace
stud	Phil"		t, +cap		Ace
old fruit	Phil"		—cap		the client
heavy-lidded				+comp	A's look
sexual				+val	A's look

Trecho XII

— Cara, você é um garanhão boa-pinta — eu disse. Odeio ter de deixar você por aquela tia velha. [87]

[...]

Ele olhou para mim com aquele olhar sexual sonolento e pesado que sempre jogava minha resolução por terra. [88]

Tabela XII

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
garanhão	Phil"		t, +cap		Ace
boa-pinta	Phil"			+val	Ace
tia velha			—cap		cliente do Phil
sexual				+val	olhar
sonolento				+comp	olhar
pesado				+val	olhar

Trecho XIII

Ace was lying on his side, his magnificent black shoulders and heavy torso naked above the half-pulled-up sheet. I took off my leather jacket and shook the melted snow to the torn linoleum of the floor. [107]

Tabela XIII

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
magnificent				+val	A's shoulders
black				+comp	A's shoulders

heavy		+val	A's torso
naked		–norm	A's torso

Trecho XIV

Ace estava deitado do seu lado da cama, seus magníficos ombros negros e tórax pesados sobre o lençol puxado até a metade de seu corpo. Tirei minha jaqueta de couro, e a neve caiu e se liquefez no linóleo do chão. [89]

Tabela XIV

Item Avaliativo	Avaliador	Afeto	Julgamento	Apreciação	Avaliado
magníficos				+val	
negros				+comp	
pesados				+val	

No Trecho XI *old-fruit* tem como intencionalidade aliviar o ciúmes de Ace por desqualificar o seu suposto rival a partir do extremo oposto às qualidades pelas quais Ace é apreciado. Enquanto ele é viril e jovem, o cliente de Phil é velho e afeminado, no mesmo sentido que *maricón* conota afeminação na língua espanhola.

Nota-se a presença contínua, nas descrições físicas de Ace, de marcadores racialmente-motivados e de *valorações* sobre seu vigor físico (TREVISAN, 2018). Em outros contextos, *heavy* e *pesados*, nos Trechos XIII e XIV, poderiam ter orientação negativa, como geralmente o têm quando associados à composição corporal. Mas aqui eles são contextualizados como positivos pelo contato com a série de valores hipermasculinos já explicitados. Entende-se, portanto, que se trata de massas musculares e não de acúmulo de gordura, característica esta vexada pelo narrador em outras passagens do corpus.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em ambos os textos é perceptível a repetição de termos racialmente-motivados na descrição física e psicológica do personagem Ace por meio da voz narrativa de Phil. Tais ocorrências tem origem no amplo uso de *black* no texto de partida de Andros, conforme demonstra a Tabela XV, sendo retextualizado para *negro/a(s)* na tradução, conforme a Tabela XVI. Ambas tabelas contemplam todos os casos de repetição lexical em ordem decrescente e, nos casos de igual número, alfabética. Ocorrências individuais foram omitidas por brevidade.

Tabela XV – Léxico atitudinal por número de ocorrências em Stud:

	N°		N°
black	13	naked	2
great	5	negro	2
heavy	3	ridged	2
built	2	sexual	2
huge	2	size	2
jealous	2	whitey	2
little	2		

Tabela XVI – Léxico atitudinal por número de ocorrências em Garoto:

	N°		N°
negro/a(s)	17	corpo(ão)	2
grande	3	enormes	2
belo	2	inveja	2
branquelo	2	sexual	2
brilhante	2	sonolento	2

Cabe observar que o aumento de ocorrências de *negro/a(s)* não demonstra adição por parte de Klebe mas sua escolha de traduzir *Negro(es)* para o mesmo

lexico que *black* em português. Encontro a tendência da tradução em convergir de diversos epítetos raciais e qualificadores racialmente-motivados, cada qual com sua própria nuance e especificidade, para esse único termo, questão a ser possivelmente explorada em trabalho futuro. Há, nessa tendência, certa *insensibilidade* de subentendidos e nuances no campo racial. O uso indistinto de termos cuja conotação racial tem valor determinado no contexto estadunidense ocasiona num abrandamento do caráter pejorativo desses termos e, portanto, da relação que o narrador e outros personagens têm com Ace.

Seguidamente estão os termos relativos à proeza física e, em menor medida, sexual. A partir desse ponto, encontrar equivalências formais parece mais arriscado. *Little* e *great* são por vezes lexicalizados nos sufixos *-ão* e *-inho*. *Ridged* é particularizado para *profundo* e *rígidas*²⁵, *belo* converge *good* e *handsome*, entre outras questões pontuais. Outros termos situacionais ou descritivos se repetem por virtude do tamanho do corpus.

Nas tabelas abaixo, respectivamente XVII, XVIII e XIX, disponho dados estatísticos com relação às análises feitas. As casas decimais foram arredondadas para sua posição proximal dado o número restrito²⁶ de dados a serem coletados e o caráter secundário dessas observações; o que, ao meu ver, não acarreta em deturpação.

Tabela XVII — Atitudes por tipo:

	Stud	Garoto
Afeto	18%	21%
Julgamento	19%	20%
Apreciação	63%	59%

Tabela XVIII — Apreciação por subtipo:

Stud	Garoto
------	--------

²⁵ Sendo essa segunda ocorrência, creio eu, fruto de uma associação feita por Klebe entre *ridged* e *rigid*. Já que *ridged* não comporta a significação atribuída por ela, seja por denotação estrita ou no uso específico de Andros.

²⁶ Cada ítem compondo aproximadamente 1% nos dados estatísticos, fazendo os arredondamentos decimais irrelevantes a nível de representação.

Composição	40%	39%
Reação	23%	18%
Valoração	37%	43%

Tabela XIX — Atitudes por Orientação:

	Stud	Garoto
Positiva	76%	78%
Negativa	24%	22%

Na Tabela XVII os números não parecem demonstrar nenhum fenômeno. Pude notar uma possível transposição de conteúdo *apreciativo* para *afeto* no texto traduzido, dois tipos cuja proximidade já havia evidenciado na Fundamentação Teórica. O mesmo movimento se dá na Tabela XVIII entre *reação* e *valoração*.

A Tabela XIX demonstra a frequência de *orientação* ou *mood* por todas as atitudes sem distinção. Nela se nota um leve aumento na orientação positiva dos marcadores lexicogramaticais no TT. De acordo com as minhas observações pontuais sobre o Trecho IV na Análise II, a tradução de Klebe, por momentos, se omite na representação de ambiguidades na descrição física e psicológica de Ace. Isso se dá com maior ênfase no campo das apreciações, como demonstra a Tabela XX.

Tabela XX — Apreciações por Orientação:

	Stud	Garoto
Positiva	86%	89%
Negativa	14%	11%

Tendo o gênero erótico como ponto de partida, a majoritariedade em ambos os textos de *apreciações positivas* descrevendo o personagem Ace, tendo em vista que a maioria do léxico atitudinal usado para tanto recai na *racialidade* ou na *motivação-racial*, acusa a presença de *raceplay* nos contos analisados. É possível afirmar, ainda, que esse *raceplay* específico dialoga com estereótipos racistas

desenvolvidos ao longo do processo colonial para o subverter eroticamente. Tal subversão²⁷ tem como força motriz o encontro entre o que NKOZI (2014) coloca como criado-supermasculino e os ideais androfilicos e masculinistas da comunidade guei, como explora TREVISAN (2018).

Seja no contexto de partida, nos anos 60 nos EUA, ou no contexto de chegada, no Brasil dos anos 90, o encontro de pertencimentos identitários em Ace se desdobra na sua presumida virilidade e superdote²⁸ que o naturalizam numa posição cristalizadamente penetrativa e animalesca. Apesar das diferenças entre os processos de escravização nas Américas do Norte e do Sul, como evidencia BAIROS (1996), há uma interseção do masculino-negro estereotipificado em comum.

Ainda sobre os contextos, podemos encontrar na sua disparidade um tumultuoso ponto de encontro. Enquanto no contexto de partida o pano de fundo da história é o fim da segregação racial no Sul dos EUA, o contexto de chegada recontextualiza essa tensão ao que BAIROS (1996, p. 184) define como “a morte oficial da democracia racial”. Ou seja, um texto usado para explorar a herança pós-segregação do racismo, onde o estado das coisas ruma a uma integração ainda imaginada em suas formas, é tensionado em uma cultura que se percebe pela primeira vez sistematicamente analisando a miscigenação e a construção de uma “democracia racial” como ferramenta da hegemonia branca.

O efeito dessa transposição radical converge e diverge simultaneamente com/dos objetivos do texto de partida. Primeiro converge, pois há na interracialidade retratada um desconforto de ordem social e política. Esse desconforto segue o escalamento das tensões narrativas e dá a elas significado contextual. É possível argumentar, quanto a isso, que dito efeito se daria principalmente em leitores afro-brasileiros do TT, já que é o grupo onde se deu, e em certa medida onde ainda se dá, esse tipo de discussão.

Porém diverge nas expectativas comuns no que diz respeito à interracialidade como coisa relativamente comum na sociedade brasileira dos anos 90. Antes mesmo disso, relações raciais formam a base do que se diz “brasileiro”, como desenvolve exemplarmente GONZALES (1984).

²⁷ Termo esse usado aqui sem desdobramentos políticos ou de mudança factual das relações de poder estabelecidas.

²⁸ NKOZI (2014, p. 81)

Como fenômeno, o TT faz escolhas que atenuam o caráter fetichista da relação entre Ace e Phil, mesmo que suavemente. Klebe tem como escolha frequente localizar o texto omitindo marcas de oralidade e referências explícitas a tais, o que em contato com a observação anterior tem como consequência o apagamento das marcas de emulação e performance inerentes à figura hipermasculina de Ace.

Outro encontro de contextos acontece entre o período de manifestações por direitos catalisados por Stonewall nos EUA e o das manifestações pós-AIDS no Brasil, como trabalhado em RODRIGUES-JÚNIOR (2009, 2010). Embora não seja o tema do corpus em questão, as marcas de marginalização e clandestinidade do contexto de partida se aclimataram ao clima de estigma e perseguição do contexto de chegada, tal como coloca TREVISAN (2018).

O trabalho que finalizo responde à questão de pesquisa, sendo ela o que o léxico avaliativo pode dizer sobre a constituição de Ace e sua relação com Phil no original e, conseqüentemente, na tradução, por meio do modelo da Avaliatividade.

Por assoberbarem o escopo da pesquisa, algumas questões foram preteridas na análise. Como exemplo da metáfora lexical construída ao longo do texto entre “ace of spades”, literalmente “ás de espadas”, e o nome do personagem Ace Hardesty, assim como o uso de *spade* como epíteto racial direcionado a homens negros. Para futura pesquisa há a hipótese de que *ás-de-espadas*, ou como o conhecemos, *espadilha*, possui associações fálicas inerentes ao seu formato simbólico abstrato, tanto que dentro da cena BDSM a expressão “*queen of spades*” é utilizada para denominar mulheres brancas que engajam com homens negros a partir de uma dinâmica de *raceplay* muito próxima da que analiso. Cotejar os dois contos dentro da história desse movimento pode ser frutífero.

Também foram omitidos outros epítetos raciais usados por Phil, Ace e outros personagens, como Nig***²⁹. Palavras nas quais Klebe repetiu a tendência de traduzir “neutramente” para *negro*, questão cujo efeito político-ideológico dispensa comentários. Cabe aqui, dentro dos Estudos da Tradução, uma pesquisa contígua sobre a tradução de experiências afrodiáspóricas pela perspectiva da Tradução Negra de teóricas como Geri Augusto e Denise Carrascosa. Não apenas na compatibilidade da herança africana imbricada nas diversas línguas coloniais

²⁹ Aqui censurado por sua conotação negativa diretamente relacionada com injúria racial e crimes de ódio no contexto americano.

sendo traduzidas entre si e a necessidade de despertar maneiras de sistematizar experiências, representações e personagens negros em todas as faces do Atlântico. Não apenas como uma práxis teórico-política de tradução entre literaturas afrodiaspóricas, o que já é bastante. Há aqui a possibilidade de discutir também ferramentas próprias de análise da transposição e tradução de injúrias raciais, termos racialmente-motivados, léxicos racializados e, por que não, *raceplay*; e dentro disso, seus desdobramentos políticos e representacionais.

6. REFERÊNCIAS

ANDROS, P. **As Aventuras de um Garoto de Programa**. Trad. Dinah Klebe. São Paulo: Summus [Edições GLS], 1998.

ANDROS, P. **Stud**. Perineum Press: Boston, 1982. (Originalmente: 1969)

BAIRROS, Luiza. **Orfeu e poder**: uma perspectiva afroamericana sobre a política racial no Brasil. Afro-Ásia, n.17. Salvador, Centro de Estudos Afro-Orientais da UFBA, 1996. pp. 173-186.

DU BOIS, W. E. B. **Black Reconstruction in America**. Nova York: Henry Holt, 1935.

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Bahia: Editora Edufba, 2008.

GONZALES, L. **Racismo e sexismo na cultura brasileira**. In: Revista Ciências Sociais Hoje, Anpocs, 1984, p. 223-244.

HARVEY, K. Gay Community, Gay Identity and the Translated Text. **Traduction Terminologie Rédaction: Études sur le Texte et ses Transformations**, v. 13, n. 2, p. 137-165, 2000a.

_____. Translating Camp Talk: gay identities and cultural transfer. **The Translator**, v. 4, n. 2, p. 295-320, 1998.

HALLIDAY, M. A. K.; MATTHIESSEN, C. M. I. M. **An Introduction to Functional Grammar**. 3. ed. Edward Arnold: London, 2004.

KUZMANOVIC, D. Queer Race Play: Kinky Sex and the Trauma of Racism. **At the Interface / Probing the Boundaries** v. 91, p. 69-88, jan. 2018.

MARTIN, J. R.; WHITE, P. R. R. **The Language of Evaluation: Appraisal in English**. New York; UK: Palgrave, 2005.

Merriam-Webster.com Dictionary, **Merriam-Webster**. disponível em: <https://www.merriam-webster.com/dictionary>

MORRIS, A. **Origins of the civil rights movement: Black Communities Organizing for Change**. Nova York: The Free Press, 1984.

MUNDAY, J. **Evaluation in Translation: critical points of translator decision-making**. London; New York: Routledge, 2012.

NKOSI, D. F. O pênis sem o falo: algumas reflexões sobre homens negros, masculinidades e racismo. In: BLAY, Eva Alterman (Org.). (2014). **Feminismos e masculinidades: novos caminhos para enfrentar a violência contra a mulher**. São Paulo: Cultura Acadêmica, p. 75-110.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S.; BARBARA, L. **Linguistic constructions of appraisal in the novel The Picture of Dorian Gray and its Brazilian translation and adaptations: an exploratory analysis**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Impresso), v. 13, p. 229-255, 2013.

RODRIGUES-JÚNIOR, A. S. **Representação gay em corpus literário paralelo**. Revista Brasileira de Linguística Aplicada (Impresso), v. 10, p. 603-624, 2010.

_____. De Stonewall e Adé para o Brasil: homoerotismo e tradução cultural na

obra de Samuel Steward. In: Maria Clara Versiani Galery; Elzira Divina Perpétua; Irene Hirsch. (Org.). **Tradução, Vanguarda e Modernismos**. 1ed. São Paulo: Paz e Terra, 2009, v. 1, p. 225-238.

_____. **A representação de personagens gays na coletânea de contos Stud e em sua tradução As Aventuras de um Garoto de Programa**. Trabalhos em Linguística Aplicada (UNICAMP), v. 46, p. 263-281, 2007.

SILVÉRIO, V. R. Multiculturalismo e metarmofose na racialização: notas preliminares sobre a experiência contemporânea brasileira. In: Maria da Gloria Bonelli; Martha Diaz Villegas de Landa. (Org.). **Sociologia e mudança social no Brasil e na Argentina**. 1ed. São Carlos: Compacta, 2013, v. 01, p. 33-60.

TREVISAN, J. S. **Devassos no Paraíso**: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade. 4. ed. rev. e ampl. Rio de Janeiro e São Paulo: Objetiva, 2018.

YALLOP, C. The construction of equivalence. In: STEINER, E.; YALLOP, C. (org.). **Exploring translation and multilingual text production**: beyond content. Mouton de Gruyter: Berlin; New York, 2001, p. 229-246.